

Orquidário



Volume 30, n°1-2
Janeiro a Junho 2016

OrquidaRio Orquidófilos Associados

Revista Orquidário

ISSN - 0103-6750

Publicação da OrquidaRio - Orquidófilos Associados

Comissão Editorial

Editora:

Maria do Rosário de Almeida Braga

Conselho Editorial:

Maria Aparecida Loures

Carlos A.A. Gouveia

Carlos Eduardo M. de Carvalho

Fernando Setembrino

A Revista "Orquidário" é uma publicação trimestral da OrquidaRio Orquidófilos Associados. Artigos relacionados a qualquer aspecto da Orquidofilia são bem-vindos e deverão ser submetidos à Comissão Editorial para apreciação.

Todas as contribuições devem ser remetidas à OrquidaRio, digitalizadas em arquivos compatíveis com o sistema Windows. Os arquivos podem ser enviados pela internet ou por correio, gravados em CDS ou DVDs. As instruções para publicações estão disponíveis no site www.orquidario.org, sob o item "Revista". Pedimos que as normas de publicações sejam seguidas por todos, tanto em relação ao texto, quanto figuras e outros anexos.

Os artigos submetidos à "Orquidário" serão revisados pela Comissão Editorial, que poderá ou não aceitá-los. No caso de aceitação, a comissão poderá fazer sugestões, devolvendo os artigos aos autores, para que sejam feitas as modificações necessárias. Os artigos aceitos aguardarão oportunidades de publicação.

Quaisquer matérias, fotos ou outras ilustrações sem indicação de reserva de direito autoral, podem ser reproduzidas para fins não comerciais, desde que citada a fonte e identificados os autores.

O título "Orquidário" é de propriedade da OrquidaRio Orquidófilos Associados, conforme depósito e registro legal na Biblioteca Nacional

Correspondência:

OrquidaRio Orquidófilos Associados

Rua Visconde de Inhaúma 134/428

20.091-007, Rio de Janeiro, RJ

Telfax.: (21) 2233-2314

Email: orquidario@orquidario.org

Site: www.orquidario.org



Diretoria Executiva

Presidente

Ricardo de Figueiredo Filho

Vice Presidente

Lucia de Mello Provenzano

Diretores

Técnico - Andrew Fogtman

Administrativo e Financeiro - Sérgio de Macedo Silva

Rel. Comunitárias - Vera Lucia de Oliveira Gomes

Comissão de Conservação

Maria do Rosário de Almeida Braga

Marcus Rezende

Paulo Pancotto

Comissão de Exposições

Eliomar da Silva Santos

Sergio Inacio C. Velho

Conselho Deliberativo

Presidente

Sergio Inacio C. Velho

Vogais:

Carlos Antonio A. de Gouveia

Fernando Setembrino

Paulo Damaso Peres

Sylvio Rodrigues Pereira

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87

Álvaro Pessôa - 1987-90

Raimundo Mesquita - 1990-94

Hans Frank - 1994-96 e 2001-02

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Marlene Paiva Valim - 2003-05

M. do Rosário de A. Braga - 2006-09

Ricardo de Figueiredo Filho - 2010-11

Sergio Inacio C. Velho - 2011-2015

CONTRIBUIÇÃO DOS SÓCIOS

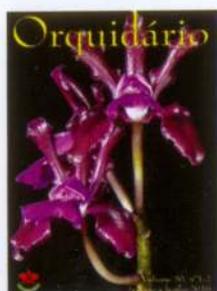
Preços/Rates	1ano/1year	2anos/2years	3anos/3years
Sócios Contribuintes	R\$165,00	R\$ 297,00	R\$ 445,50
Sócios Correspondentes	R\$ 85,00	R\$ 160,00	R\$ 229,50
Sócio Pessoa Jurídica	R\$ 209,00	R\$ 376,20	R\$ 564,30
Overseas Subscription Rates	US\$ 92,00	US\$116,00	US\$ 248,00
By Air Mail: plus US\$ 20,00/year			

Publicada em: 20/07/2016

ÍNDICE

Orquidário Volume 30, nº1-2

Editorial -----	4
<i>Cattleya</i> Lindl. no Brasil: regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, por Delfina de Araujo -----	5
Nova espécie de <i>Catasetum</i> para o estado do Amazonas, Brasil, por Adarilda Petini-Benelli. -----	26
<i>Catasetum x mesquitae</i> U.L.C. Ferreira, novo híbrido natural, por Ulisses Ferreira -----	37
Premiações de Qualidade da OrquidaRio em 2016, por M. do Rosário de Almeida Braga -----	44
Um dos alicerces da fundação da OrquidaRio: Osmar Judice, por Álvaro Pessôa -----	47
Nota botânica: Nova forma de <i>Prosthechea fragans</i> (Sw.) W.E.Higgins, por Lou C.Menezes -----	49



Capa: *Cattleya elongata* Barb. Rodr. é uma espécie brasileira que cresce em cerrados semiáridos de altitude, nos estados da BA, PE e MG. A planta fotografada pertence à coleção viva do Orquidário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Foto: Sergio Araujo.

Editorial

Nesse ano de 2016 a OrquidaRio Orquidófilos Associados e sua Revista Orquidário estão completando 30 anos. De 1986 até agora o mundo mudou completamente. A comunicação, através das diferentes mídias, foi uma das áreas onde as transformações foram mais evidentes. Hoje a divulgação de informações, de maneira globalizada e quase instantânea, ganhou proporções que não cogitávamos há alguns anos atrás. Revistas tradicionais desapareceram ou tornaram-se unicamente virtuais. Celebrarmos nossos 30 anos de revista impressa, é uma grande conquista e motivo de orgulho para a nossa associação.

O fascículo 1 do volume 1 da “Orquidário”, publicado em 1987, em preto e branco, tinha Francisco Miranda, como editor-chefe. Roberto Agnez foi o autor do primeiro artigo: “Por que julgar?”, que hoje ainda serve como fonte de referência. A partir do volume 4 a “Orquidário” passou a ser colorida e a qualidade gráfica vem aprimorando-se com o passar do tempo, acompanhando a evolução gráfica que vem ocorrendo. Durante estes 30 anos a “Orquidário” teve 10 diferentes editores chefe. Além do Francisco Miranda, Roberto Agnez, Raimundo Mesquita, Álvaro Pessôa, Alex Sauer, Carlos Ivan Siqueira, Carlos Gouveia, Hans Frank, Carlos Eduardo Carvalho e eu, ocupamos este cargo na OrquidaRio. Frequentemente assessorados por uma eficiente comissão editorial. Muitos orquidófilos e orquidólogos, brasileiros e estrangeiros, contribuíram para o rico conteúdo destes 30 volumes. A todos, o nosso muito obrigada.

O fascículo 1 do volume 30 traz contribuições diversas, como é frequente na “Orquidário”. Desta vez estão em destaque os gêneros *Cattleya*, com suas várias espécies das regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste e *Catasetum*, que segue com novas espécies e híbridos naturais ainda sendo encontrados e descritos. E temos também contribuições sobre um pouco da história da OrquidaRio, novas premiações de qualidade e uma pequena e também valiosa nota sobre uma nova forma de *Prostechea fragans* (S.W.) W.E. Higgins. Obrigada também a todos que contribuíram para este fascículo comemorativo.

Estamos em tempos de grandes mudanças, de renovação, de inovação. A OrquidaRio e a revista Orquidário deverão acompanhar a evolução natural, com vontade de enfrentar os novos desafios.

Cordialmente,
Maria do Rosário de Almeida Braga.
Editora

***Cattleya* Lindl. no Brasil: regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.**

Delfina de Araujo

Fotografias: Sergio Araujo
delfinadearaujo@gmail.com

Resumo: O gênero *Cattleya* Lindl. (sentido tradicional) está distribuído por quase todos os biomas brasileiros, com mais de 30 espécies. Algumas delas apresentam variedades e muitas delas formam híbridos naturais com outras espécies dentro do mesmo gênero ou de gêneros diferentes. A maior concentração de espécies de *Cattleya* está na Mata Atlântica, principalmente nos estados da região Sudeste e na Bahia. Essa primeira parte do artigo fala das espécies das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste através dos ecossistemas onde ocorrem, com dicas sobre as condições de cultivo.

Palavras chave: *Cattleya*, Brasil, Amazônia, Cerrado, Caatinga.

Abstract: (*Cattleya* Lindl. in Brazil: North, Northeast and Mid West regions) The genus *Cattleya* Lindl. occurs in almost all Brazilian biomes, with more than 30 species. Some of the species present many varieties and many of them make natural hybrids with other *Cattleya* species or with species from related genera. The greatest concentration of *Cattleya* species is in the Atlantic Rainforest, mainly in the states of the Southeast region and in Bahia state. In this first part of the article, the species that occur in the North, Northeast and Mid West regions are described by the ecosystems where they grow and with cultural tips.

Key words: *Cattleya*, North Brazil, Northeast Brazil, Mid West Brazil.

Sempre que se fala em orquídea, a primeira imagem que nos vem à mente é a *Cattleya*, sobretudo a *Cattleya labiata* Lindl. Outros gêneros se tornaram muito populares, mas foi esta espécie que realmente deu popularidade às orquídeas e se tornou seu próprio símbolo.



Fig. 1 – *C. labiata*, cruzamento das variedades 'amesiana' com 'foleyana'.

Das aproximadamente 50 espécies de *Cattleya* (no sentido tradicional do gênero) que vegetam desde o México até a Argentina, mais de 30 ocorrem no Brasil, isto sem contar com o grande número de variedades existentes dentro de uma mesma espécie e o grande número de híbridos naturais entre suas próprias espécies e os outros gêneros. A diversidade é muito grande.

Ela aparece em todos os estados do Brasil, desde o



Fig. 2 – *C. violacea*.



Fig. 3 – *C. eldorado* 'Parapluie'.

extremo norte, nas serras Pacaraima e Parima, em Roraima, na divisa do Brasil com Venezuela e Guiana até o Rio Grande do Sul.

Algumas espécies têm uma distribuição ampla, mas restritas ao território brasileiro como a *C. guttata* Lindl. e outras se estendem a outros países como *C. violacea* (Kunth) Rolfe. Há aquelas que ocorrem em áreas limitadas ou até mesmo muito restritas como *C. araguaiensis* Pabst e *C. dormaniana* (Rchb.f) Rchb. f. Existem também espécies que ocorrem no Brasil, mas têm uma área de distribuição mais ampla em outros países como *C. lawrenceana* Rchb. f. que tem como centro de dispersão a Venezuela.

A grande concentração do gênero está na Mata Atlântica, nos estados da região sudeste e na Bahia que é o estado mais rico (com maior número de citações de ocorrência). Em seguida, o Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Capacidade de Hibridação

Devido a sua grande capacidade de hibridação, existem mais híbridos naturais do que espécies de *Cattleya*. Na natureza, são encontrados tanto híbridos interespecíficos (cruzamento entre espécies do mesmo gênero) quanto híbridos intergenéricos (cruzamento de espécies de gêneros diferentes). Além dos híbridos naturais intergenéricos com *Brassavola* R. Br. e *Schomburgkia* Lindl., (atualmente considerada como *Laelia* Lindl.) existem muitos híbridos decorrentes do cruzamento com espécies que eram antigamente inseridas dentro do gênero *Laelia* (mais de 20 novos híbridos), hoje considerada por diversos estudiosos e instituições como pertencentes ao gênero *Cattleya*.

Condições Geográficas

O Brasil possui uma grande diversidade habitats e de ecossistemas em decorrência de diversos fatores: sua configuração geográfica, um relevo com montanhas, planaltos, chapadas e planícies, pela presença do oceano de sua longa costa, minimizando as amplitudes térmicas (maritimidade), pela amplidão do continente acentuando as amplitudes térmicas, influenciando nas temperaturas (continentalidade), por sua extensão territorial tanto em relação à longitude e à latitude. E, finalmente, a dinâmica das massas de ar, um fator muito importante, pois atua diretamente sobre a temperatura e a frequência das chuvas permitindo as acentuadas diferenciações climáticas regionais.

Habitats

Em maior ou menor intensidade, a orquídea aparece em diversos tipos de habitats e sua presença é sempre uma constante no bioma Mata Atlântica, um dos mais ricos e mais conhecidos ecossistemas. É nela que ocorre a maior parte das espécies brasileiras da família Orchidaceae e, em especial, do gênero *Cattleya* e seu grande número de híbridos naturais.

Além da Mata Atlântica, o gênero está presente em quatro outros biomas: Floresta Amazônica, Cerrado, Caatinga e Pantanal, nos diversos habitats e ecossistemas encontrados em altitudes ou a nível do mar, tanto em regiões semiáridas ou florestadas, em manguezais, brejos e restingas.

Região Norte: Bioma Amazônia

A região Norte do País se confunde com o Bioma Amazônia (Floresta Amazônica) que ocupa cerca de 40% do território brasileiro. É a maior extensão de floresta quente e úmida do mundo e também possuidora da grande diversidade. Além do rio Amazonas, sua bacia hidrográfica é formada, por diversos outros rios, grandes e pequenos. Seus domínios abrangem grandes estados e outros menores: Amazonas, Pará, Acre, Amapá, Rondônia e Roraima (além de países vizinhos), Tocantins, Maranhão, Mato Grosso. Geograficamente, dos estados cobertos por este bioma, apenas o estado do Mato Grosso não pertence à região Norte.

A Região Norte é cortada de um extremo a outro pela linha do equador, em sua maior parte predomina o clima quente, mas a temperatura não é homogênea em toda a extensão. Nas terras baixas, nos meses mais quentes, são registradas temperaturas máximas diárias elevadas, inclusive acima de 40° C, mas não em todos os lugares. Em muitos locais, as noites são bem frescas, mesmo durante os meses considerados mais quentes. Nos meses mais frios, junho a agosto, é comum a ocorrência de queda de temperatura, conhecido como friagem. Há locais em que as mínimas chegam a 8° C. Nas regiões limítrofes, a temperatura é bem amena e, nos períodos mais frios, a noturna desce a 6° C.

Não há uma homogeneidade pluviométrica, mas é a região que mais chove no Brasil, havendo inclusive locais onde chove diariamente.

A Floresta Amazônica cobre basicamente áreas de baixas altitudes (de 0 a 200 m), com exceção das áreas limítrofes onde as altitudes são bem elevadas e de uma pequena parte coberta por vegetação de Cerrado. Apresenta diversos tipos de habitats e neles ocorrem espécies do gênero *Cattleya* bem características:

C. violacea (Kunth) Rolfe, *C. eldorado* Linden ex Van Hout (ou *C. trichopiliochila* Barb. Rodr. e *C. wallisii* Linden & Rchb. f.), *C. luteola* Lindl., *C. lawrenceana* Rchb. f., *C. araguaeensis* Pabst, *C. jenmanii* Rolfe, *C. nobilior* Rchb. f., assim como a *Cattleya motae* Menezes da qual se conhece apenas um indivíduo. Já foram registrados três híbridos: *C. x brymeriana* Rchb.f. (*C. violacea* x *C. eldorado*); *Brassocattleya x rubyi* Braga (*Brassavola martiana* Lindl. x *Cattleya eldorado*) e *C. x hummeliana* L.C. Menezes & V. P. Castro (*C. violacea* x *C. lawrenceana*). Ocorre também uma outra planta que pode se tratar de uma nova espécie ou de um híbrido natural entre *C. jenmanii* Rolfe e *C. eldorado*. (<http://www.delfinadearaujo.com/on/on26/pages/pedroivo01.htm>.)

Matas de terra firme (floresta ombrófila densa)

Correspondendo à maior área da bacia amazônica, encontram-se matas de terra firme (floresta ombrófila densa) onde as copas das árvores se fecham de tal maneira que é difícil a penetração dos raios solares. Assim os gêneros mais exigentes com relação à intensidade de luz e ventilação procuram as copas das árvores mais altas ou as bordas da floresta. Os gêneros com menor exigência de luminosidade se distribuem nas partes mais baixas. Essas matas não estão sujeitas ao alagamento constante, mas possuem um grande número de rios e riachos. Habitat de *C. violacea* e *C. luteola* onde são encontradas em árvores que podem atingir até 50m de altura.

Cattleya luteola Lindl.

A espécie tem, nestas matas, seu principal habitat, mas ocorre por toda região de terras baixas da Amazônia até 600m de altitude, sendo comum do Brasil até o Peru, ocorrendo também no Acre. Nas matas de igapó (terrenos baixos de inundação frequente), forma grandes touceiras, na parte baixa das árvores de casca fina e ocorre associada a *Oncidium lanceanum* Lindl., *Rodriguezia leeana* Rchb. f., *Trichocentrum albococcineum* Linden e *Catasetum pileatum* Rchb. f.

Cada haste carrega de 4 a 6 flores pequenas (cerca de 5 cm. de diâmetro) mas muito vistosas. Normalmente tem uma pigmentação púrpura no interior no labelo, mas já foi encontrada uma variedade onde ele é inteiramente amarelo.

Planta de pequeno porte (espécie anã), está entre as menores espécies gênero e esta característica é transmitida aos seus híbridos. Além de contribuir para a geração de plantas pequenas e de vasta folhagem, contribui também na produção de plantas muito floríferas, trazendo um aglomerado de flores amarelas.

C. luteola é bastante adaptável a diversos climas, pode ser cultivada em clima quente ou em temperatura mais amena. Gosta de umidade ambiental elevada e deve ser protegida do sol direto. É indicada (assim como seus híbridos) para quem tem pouco espaço. Floresce do verão até o inverno e quando em cultivo, na região Sudeste, em geral, apenas no inverno.



Fig. 4 – *C. luteola*.

Campinas da Amazônia Central

Principal habitat de *C. eldorado*, as campinas são matas de terra firme que se distinguem da floresta ombrófila densa por crescerem em solo pobre, arenoso, portanto de drenagem rápida, com grande variação de umidade ambiental. Podem ser mais abertas



Fig. 5 – *C. luteola*, variedade mais rara, sem o labelo colorido.

(maior luminosidade) ou mais fechadas, estão situadas no interior da floresta ombrófila, como se fossem ilhas, pois a transição entre elas é muito brusca. Estão localizadas nos arredores de Manaus e ao longo do rio Negro. A temperatura máxima absoluta é de 38° C e a mínima 18° C, a umidade relativa do ar fica entre 80 a 90% com queda de umidade, durante o dia, principalmente nos meses de agosto e outubro. Nestas campinas, encontram-se verdadeiros jardins suspensos de epífitas em árvores como o “Macucu” (*Aldina heterophylla*) que é muito ramificada, com a casca rugosa que é o principal forófito (=hospedeiro) de *C. eldorado*.

Cattleya eldorado Linden ex Van Hout (*C. wallisii* Linden & Rehb. f.)

Ocorrendo quase que exclusivamente nas campinas, principalmente as abertas, raramente esta espécie é encontrada na floresta ombrófila. Seu centro de dispersão é em torno da cidade de Manaus onde se tornou escassa e há um registro para o estado do Pará. Cresce como epífito desde os galhos baixos do macucu recebendo uma luminosidade média até os galhos mais altos, com exposição a uma luminosidade muito intensa e onde se encontram as plantas mais robustas. Suas folhas são quase sempre cobertas de líquens e algas.

Há registros de que o botânico Linden importou uma quantidade enorme e que em Paris chegaram a florir 700 exemplares de uma só vez.

Existe uma divergência em torno de sua correta nomenclatura. Alguns pesquisadores consideram *Cattleya trichopiliochila* e outros consideram que seja *Cattleya wallisii*. Para os orquidófilos, ainda prevalece o nome *Cattleya eldorado*.

Há registro de dois híbridos naturais: *C x brymeriana* (com *C. violacea*) e *Brassocattleya x rubyi* (com *Brassavola martiana*).

Indicada para cultivo em clima mais quente, é importante que a temperatura não fique abaixo dos 16° C. A principal causa de insucesso é o excesso de umidade, não suporta substrato encharcado por muitos dias, os brotos apodrecem e as folhas mais novas se dobram. Floresce de dezembro a fevereiro e às vezes até abril, época das chuvas. O novo bulbo só lança raízes depois de completado seu desenvolvimento, chegando ao tamanho final em dezembro já com a haste floral. Suas flores possuem até 15 cm de diâmetro, são perfumadas e surgem em número de 2 a 5 por haste.

Igarapés, Igapós e Várzeas

Estes ecossistemas sofrem influência aquática direta, às vezes formando rios perenes que fluem muito lentamente e possuem margens alagadiças. Em muitos locais, durante vários meses por ano, só os galhos mais altos das árvores ficam fora da água e a umidade relativa do ar é elevada de uma maneira quase constante. A luminosidade é muito variável com áreas mais sombrias e outras mais iluminadas. Nos ambientes mais sombrios, as epífitas ocorrem quase que exclusivamente nas bordas das matas. Nestes ecossistemas ocorre a *C. violacea*.

Cattleya violacea (Kunth) Rolfe

Espécie bifoliada, é a que tem distribuição mais ampla, em toda região amazônica, sendo encontrada fora das terras baixas da Amazônia até a Região Centro-Oeste. Aparece nos estados do Amazonas, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará, Rondônia e Roraima e sua distribuição se estende também ao Peru, Venezuela, Colômbia, Guiana, Suriname, Bolívia e Equador.

Ocorre em locais de grande umidade atmosférica, mas com boa circulação de ar e temperatura não muito baixa. Cresce em diferentes tipos de ecossistema, sendo também encontrada em matas de terra firme, é mais abundante nas matas de igapó, onde a variação de nível de água pode chegar a 10m, durante a cheia, mas sempre instalada acima do limite máximo do nível das águas.

Nos ambientes mais sombrios, de matas mais fechadas, procura os galhos mais altos onde possa obter mais luz e as plantas são menores. Quando ocorrem nas campinas, elas são maiores e o pseudobulbo pode atingir 40 cm de altura.

Vegeta como epífita em altitude que variam de 150 a 500m raramente indo até 600m, pois nestes locais a temperatura noturna cai abaixo de 20° C que a afeta bastante.

É uma espécie muito vistosa, sua haste floral carrega de dois a oito flores de até 10 cm de diâmetro. Possui diversas variedades. Floresce logo após a brotação, às vezes duas vezes ao ano: abril-maio e outubro-novembro.

É considerada de difícil cultivo, uma vez que gosta de umidade ambiental elevada, mas não pode ter as raízes encharcadas e não gosta de substrato úmido. Portanto se cultivada em vaso, é preciso muito cuidado. Vegeta muito bem em tocos de madeira. Precisa de clima quente, suporta local mais sombreado ou com luminosidade mais intensa e não precisa ter um inverno mais seco.

Como mencionado anteriormente, na natureza hibridiza com *C. eldorado*, formando *C. x brymeriana* e *C. lawrenceana*, formando *C. x hummeliiana*.

Cerrado

Ainda na Região Norte, existem áreas onde o bioma Cerrado está presente, com suas temperaturas e vegetações características, cobrindo parte dos estados de Tocantins, Pará, Maranhão, Mato Grosso, Rondônia e Roraima. Neste ambiente, com duas estações bem definidas, a quente e a chuvosa (de outubro a abril) e uma seca de maio a outubro, ocorre a *C. araguaiensis*.



Fig. 6 – O híbrido natural *Cattleya x brymeriana*, variedade 'flamea'.

ser encontrada em locais mais sombreados. A temperatura anual sofre oscilações que vão de 42° C no verão e até 8° C no inverno.



Fig. 7 – *C. violacea* var. 'carnea'.

Cattleya araguaiensis Pabst

Ocorre numa área restrita, às margens do rio Araguaia e também de seus afluentes Formoso e Coco, em matas ciliares, em altitudes entre 400-600m acima do nível do mar, no estado Tocantins. A espécie vegeta em galhos finos de arbustos e pequenas árvores, a poucos metros do solo, quase sempre em locais bem iluminados às vezes até com exposição ao sol, ocasionalmente pode também

Planta relativamente pequena, não excedendo a 22 cm de altura, é muito diferente das outras espécies do gênero e chama atenção pelo fato de suas sépalas e pétalas serem bem mais finas quase como a *Brassavola* levando a crer, de início, que se tratava de um híbrido natural. Possui flores pequenas que não ultrapassam a 6 cm e uma por pseudobulbo. Floresce no final da primavera. Seu pico de floração ocorre entre a segunda quinzena de novembro e a primeira de dezembro e está

diretamente relacionada ao período das chuvas: chuvas intensas antecipam a floração, chuvas esparsas ou a falta dela, retardam o florescimento.

É uma das espécies menos resistentes do gênero, requerendo umidade elevada de setembro a maio quando os brotos aparecem, porém precisa de boa ventilação já que seus botões são muito sujeitos a ataques de fungo se a planta for mantida excessivamente úmida perto da floração. Parece não gostar de toco de madeira, mas é cultivada em cestinha de madeira (cachepot), não é aconselhada para regiões úmidas com temperaturas constantemente baixas.

Regiões Serranas

As regiões serranas, limítrofes, com uma altitude pouco acima de 2000 m, são cobertas de floresta e possuem temperatura baixa e umidade ambiental elevada, permitindo uma riqueza de flora da família Orchidaceae, sobretudo de micro orquídeas. Habitat da *Cattleya jenmani*, *C. lawrenceana*, *C. motae* e também até de *C. violacea*, dependendo da altitude.

Cattleya lawrenceana Rchb.f.

Ocorre nos estados do Amazonas e de Roraima, em árvores altas de matas densas de encosta extremamente úmidas, situadas desde 800 m até 1.400m de altitude, em habitat muito semelhante ao das espécies de *Cattleya* do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Sua principal área de distribuição no Brasil abrange as serras do Pacaraima e Parima, na divisa com a Venezuela, onde ela é mais comum. Suas flores aparecem no verão, em número de 3 a 6 e às vezes até mais de 10 por haste, são grandes podendo chegar até 15 cm e planta atinge 30 cm de altura. Sua cor tipo é púrpura-avermelhado intenso, mas possui variedades de cores mais suaves como concolor, semi-alba, alba, coerulea. Possui um híbrido natural, *C. x hummeliana* (*C. violacea*), já mencionado.

É considerada uma espécie fácil de ser cultivada, necessita de ambiente úmido e mais frio.

Cattleya jenmanii Rolfe

No Brasil, só aparece no estado de Roraima, onde ocorre nas mesmas serras da espécie anterior, em altitude menos elevada de 300m a 600m, segundo alguns autores, mas de acordo com F. J. de Freitas Luz e Jane M. Franco de Oliveira (2012), a altitude estaria entre 800 e 1000m. Aparece em local de luminosidade alta e bastante ventilação, em vegetação de transição entre a floresta densa e os campos, praticamente savanas, em floresta aberta, de formação rochosa e margeando rios. A espécie é mais comum na Venezuela onde foi intensamente coletada, tornando-se rara na natureza. Foi descrita em 1906, mas continuou desconhecida até ser reencontrada em 1969. Carrega de 1 a 6 flores perfumadas por haste e floresce o ano todo em seu habitat. Em cultivo, no sudeste, floresce no mês de dezembro.

Assemelha-se à *Cattleya labiata*, embora não possua sua forma.

Região Nordeste: Bioma Caatinga

A região Nordeste abrange os estados de Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Pernambuco, Sergipe e Bahia. Alguns estados são quase que inteiramente cobertos pela Caatinga, outros possuem regiões do Bioma Mata Atlântica.

A região é caracterizada por um relevo de planícies e tabuleiros litorâneos, geralmente inferiores a 500m e superfícies interiores acima de 800m (Planalto ou Serra de Borborema), alcançando até mesmo 1.200m (Chapada Diamantina - BA). Esta topografia, aliada aos diferentes sistemas de circulação de ar e à irregularidade pluviométrica, torna sua caracterização climática um pouco complexa.

A irregularidade das chuvas é a principal característica climática da região. Existe o período da seca (que pode ser muito longo, durando até mesmo anos) e o período de chuvas chamado “inverno” que é muito curto. O período do “inverno” (quando ocorre) se situa entre dezembro e maio (durante cerca de 3 meses), mas não ocorre ao mesmo tempo em todos os estados da região.

Com relação à temperatura, as variações durante o ano não são representativas (cerca de 2 a 3°C) e pode-se dizer que há apenas uma estação. As temperaturas médias são elevadas, mas em parte do litoral e em áreas acima de 200m de altitude, a temperatura é mais amena. Nas áreas mais elevadas da Chapada de Diamantina e Serra da Borborema, as temperaturas médias anuais são inferiores a 20° C.

A Caatinga, também conhecida como o “sertão brasileiro”, está situada entre a Floresta Amazônica e a Mata Atlântica. é o bioma característico da maior parte dos estados do Nordeste e também cobre a região nordeste de Minas Gerais. Possui um clima semiárido, muito seco e os cursos de água só existem em função das chuvas. Sua vegetação é bem característica com formações arbustivas e herbáceas de folhas pequenas espinhosas com ocupação irregular, apresentando áreas que se assemelham a floresta e outras de terra quase nua. A caatinga propriamente dita é muito pobre em orquídeas, mas nos chamados “brejos de altitude”, onde se desenvolve uma vegetação de floresta tropical chuvosa de montanha, a flora Orchidaceae encontra um habitat mais adequado. A uma distância de 50 a 150 km do litoral, em planalto de mais ou menos 400m de altitude, existem cadeias de montanhas ou montanhas isoladas de 800 a 1.000m que são verdadeiros oásis suspensos, chamados “brejos de altitude”. Durante o dia, as nuvens se elevam e ficam acima destas montanhas, já à noite, elas descem, estacionam e as envolvem completamente. Assim, a vegetação é toda banhada pela neblina e quando vem o dia e o sol, por se encontrar em região semiárida, ocorre evaporação, mantendo ainda uma certa umidade, mas sem chegar a ficar alagada. Esta alternância de umidade e seca, tão importante para as orquídeas assim como a temperatura mais amena faz com que seja um habitat bastante rico. É um clima muito ameno e agradável. É o principal habitat de *Cattleya labiata*, sobretudo a partir de 400m de altitude.

Para a Região Nordeste, são registradas as espécies: *C. aelandiae* Lindl. *C. amethystoglossa* Lindl., *C. elongata* Barb. Rodr., *C. granulosa* Lindl., *C. guttata*, *C. harrisoniana* Bateman ex Lindl., *C. kerri* Briegeri & Bicalho, *C. labiata*, *C. nobilior*, *C. labiata*, *C. loddigesii* Lindl., *C. porphyroglossa* Linden & Rchb. f., *C. schilleriana* Rchb.

f., *C. schofieldiana* Rchb. f., *C. silvana* Pabst, *C. tenuis* Campacci & Vedovello *C. tigrina* A. Rich (= *C. leopoldii*. Verscaff ex Lem.) e *C. warneri* Moore. O estado da Bahia, praticamente dividido entre a Mata Atlântica e zona semiárida, é o mais rico, como já foi dito anteriormente.



Fig. 8 – *C. aclandiae*.

Cattleya aclandiae Lindl.

Planta bifoliada da Mata Atlântica, originária da Bahia e do Espírito Santo, ocorrendo na faixa entre 100 m a 400m de altitude, com predominância pelas matas litorâneas do sul, mas aparece também mais para o interior. Vegeta sobre os galhos de árvores não muito altas entre 3 e 6 metros do chão. Planta de pequeno porte, com cerca de 20 cm de altura, de aparência desordenada, meio rastejante, de raízes grossas, apresentando 2 ou 3 folhas, muita vezes recobertas por pontos marrom-avermelhados. Adora luminosidade muita intensa chegando perto de queimar suas folhas, mas em seu habitat natural é bastante protegida pela presença das pequenas tillandsias (bromélia).

Seu colorido varia desde o verde-oliva até o marrom escuro, pétalas e sépalas intensamente salpicadas de pintas castanho-escuras. O labelo é róseo-avermelhado e não envolve totalmente a coluna, deixando-a exposta. A coluna é quase sempre de cor escura.

Floresce, em geral, de outubro a maio, a partir de uma brotação lançada no final do inverno ou princípio da primavera, ocasionalmente sua floração pode ocorrer duas vezes ao ano. Produz, em geral, 1 ou 2 flores na mesma haste de mais ou menos 10 cm de diâmetro.

Às vezes, ocorre associada à *C. amethystoglossa* (na mesma árvore) permitindo a ocorrência do híbrido natural *C. x little leopard* reg. Irwine jr, encontrado no estado da Bahia.

Na hibridação, destaca-se pela contribuição na produção de plantas pequenas e, geralmente, de flores pintalgadas. Seu hábito de crescimento é tão dominante que, mesmo quando cruzada com espécies de grande porte como *C. guttata* ou *C. amethystoglossa*, produz plantas de menor porte.

Recomenda-se não cultivar em vaso. Cresce melhor quando fixadas a placas pequenas, palito ou galho de árvore seccionado, sempre de diâmetro reduzido e colocado em cachepots (cestas) de madeira, sem substrato. Não suporta locais muito úmidos e



Fig. 9 – *C. elongata* 'Florália'.

sombrios, precisa de luminosidade realmente muito intensa. Coloque-a o mais alto possível. Gosta de ambiente bem arejado e mais quente, necessitando uma rega bem generosa no seu período de crescimento. No inverno, deixa-a mais sossegada, diminuindo a rega.

Cattleya elongata Barb. Rodr.

Ocorre na Bahia, norte de Minas Gerais e sul de Pernambuco, em cerrados semiáridos de altitude onde o clima é seco, quase sem umidade ambiental e a temperatura chega a 40° C, com noites mais frescas. De porte elevado, chegando 80 cm de altura, vegeta sobre rochas, bastante exposta ao sol, mas suas raízes são mantidas úmidas alojadas nas frestas das pedras onde se acumula matéria orgânica.

Suas flores tem boa substância, são carnudas, brilhantes e rígidas e chegam a 8 cm de diâmetro em número de 6 a 8 flores. Possui um colorido marrom-vinoso ou verde-amarronzado em tons bens escuros, com bordas onduladas. Seu labelo é de coloração vinosa ou rosa com um pouco de branco na base e ocasionalmente amarelo na parte central. Ele é trilobado

envolvendo totalmente coluna que é, via de regra, avermelhada. Floresce no final do verão. Não apresenta muita variedade. Tem uma característica interessante que é a de desenvolver pseudobulbos a partir de seus ramicaules (conhecidos como pseudobulbos tipo cana), assim como a *C. tenuis*.

Possui alguns híbridos naturais, todos descritos para o estado da Bahia, como *C. x tenuata* V.P. Castro & Campacci ex G.J. Braem ao hibridizar com *Cattleya tenuis*. É uma espécie considerada como de fácil cultivo, adaptando-se bem a substrato com bastante pedra brita, gosta de bastante luz e floresce em climas mais quentes ou mais frios, sem umidade excessiva.

Cattleya granulosa Lindl.

Foi descrita como sendo da Guatemala, por algum erro de informação de localização. É encontrada em área de Mata Atlântica, em locais de muita luminosidade. Cresce desde o nível do mar, na vegetação costeira de restinga, quanto a 900m de altitude. São famosas as plantas das dunas de Natal, no Rio Grande do Norte. Há registro de ocorrência também para os estados de Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Piauí.

De porte médio para grande, pode ultrapassar 60m de altura. Produz inflorescência de 5 a 9 flores que variam de 8 a 10 cm de diâmetro. Elas carnudas, possuindo pétalas e sépalas com

colorido que vai desde o verde-amarelado até o marrom chocolate, mas sempre salpicado de pequenas pintas castanho-avermelhadas e lança um perfume adocicado de baunilha. O labelo é trilobado com superfície rugosa e amarelo-avermelhado na porção distal, coberto por estrias vermelhas e manchas vermelho-vinosas. Seu período de floração é variável, mais frequentemente na primavera.

Em função da *Cattleya schofieldiana* ter sido considerada uma variedade da espécie, supõe-se que tenham sido feitos cruzamentos das duas, fazendo com que características importantes na separação das destas espécies tenham se perdido, dificultando a correta identificação de uma planta obtida em laboratório.

Existem registros de híbridos naturais como *C. x le czar* Lindl. (com *C. labiata*), *C. x colnagiana* L. C. Menezes (com *C. harrisoniana*) e *Brassocattleya x felisminiana* (*Brassavola tuberculata*).

Cattleya kerri Briegeri & Bicalho

Espécie da Mata Atlântica foi descrita em 1967, dada como desaparecida e redescoberta em 1982. Só ocorre no sudeste do estado da Bahia, em região litorânea, em florestas claras e úmidas de solo arenoso ou alagado, em local de muita chuva, onde as árvores finas e altas permitem a entrada de bastante luminosidade. O clima é quente e úmido durante o dia, esfriando e formando uma nuvem de orvalho durante a noite. Ela se instala, em geral, nos troncos das árvores e seu porte médio está em torno de 15 cm mas pode atingir até 20 cm. Seus pseudobulbos às vezes se arqueiam dando a impressão de crescer para baixo. Apresenta de 1 a 3 flores.



Fig. 10 – *C. granulosa*.

Possui uma variedade punctata e um híbrido natural descrito *Cattleya x varelae* V.P. Castro & Catharino (com *C. schofieldiana*)

Deve ser cultivada em substrato duro ou em galhos de árvore. Deve ser mantida em local bem iluminado, bem ventilado, com umidade ambiental elevada, principalmente durante a noite.

Cattleya labiata Lindl.

Espécie monofoliada, é restrita aos estados de Alagoas, Ceará, Paraíba e Pernambuco, onde ocorre em altitudes até 1.000m. É encontrada vegetando como epífita em grandes árvores e, como litófita, em penhascos, sempre em altitudes, em locais de alta umidade e orvalho, muitas vezes expostas a pleno sol.

De acordo com Lou Menezes (2002), é encontrada em 3 zonas de vegetação distintas e características:

Zona da Mata - Brejos de altitude;

Zona do agreste – floresta tropical decídua, mais afastada do litoral;

Zona do sertão – a vegetação é de caatinga, típica região bem seca, bem distante do litoral, onde as plantas são menores com flores menores.

As plantas encontradas no Ceará, na Serra Uruburetama, possuem um colorido mais escuro, mais intenso, de flores menores e de melhor armação. As plantas do estado de Alagoas, que ocorrem na zona da mata, são maiores.

Cada haste floral pode carregar até 5 flores que podem atingir 17 cm de diâmetro e, em geral, tem mais de uma haste abrindo ao mesmo tempo. No nordeste, floresce com regularidade embora possuía meses de maior abundância. No sudeste, floresce no outono. Possui uma vasta gama de forma de cores.

Possui registro de híbridos naturais inclusive com o gênero *Schomburgkia* (hoje tratado como *Laelia*).

É uma planta extremamente adaptável a qualquer clima, em locais de muita luminosidade ou um pouco mais sombreados. Precisa de rega abundante durante o período de crescimento, sempre com o cuidado de esperar o substrato secar para que os novos brotos não apodreçam. Durante o período mais frio, reduzir a rega. Suas flores se abrem com a espata já seca portando é preciso muito cuidado para não provocar o seu apodrecimento por uma rega inadequada.

Cattleya silvana Pabst

Ocorre no estado da Bahia e muitos estudiosos consideram que seja um híbrido entre *Cattleya warneri* e *Laelia grandis*.

Cattleya tenuis Campacci & Vedov.

É uma planta de grande porte (chegando a atingir 1m de altura) que ocorre no estado da Bahia, na Chapada Diamantina, entre 800 a 1.000m, em árvores de pequeno porte, recebendo muita luminosidade e boa ventilação. Embora a Chapada Diamantina seja área muito rochosa, com vegetação de cerrado, existem pontos de muita umidade ambiental em função dos ventos vindos do oceano, apesar da grande distância. Diz-se que seu habitat, no Morro do Chapéu, já chegou a ficar até 7 anos sem chuvas. Possui



Fig. 11 – *C. tenuis*.

o labelo trilobado encobrendo parcialmente a coluna e apresenta muita variedade em seu colorido.

As demais espécies que ocorrem no estado Bahia e que são em comuns com as outras regiões serão tratadas posteriormente.

Região Centro-Oeste: Bioma Cerrado

A região Centro-Oeste está situada no planalto central do Brasil onde é possível encontrar *C. bicolor*, *C. nobilior*, *C. violacea* e *C. walkeriana*.

Ela é coberta, em sua maior parte, pelo bioma Cerrado que abrange quase 25% do território brasileiro. Ele cobre grande parte dos estados Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais e atinge também parte de diversos outros estados das



Fig. 12 – *C. nobilior* var. 'amaliae'.

regiões norte, nordeste, sudeste e sul (Paraná, Maranhão, Piauí, São Paulo e Tocantins) onde predominam outros biomas como Amazônia, Mata Atlântica e Pantanal.

O Bioma Cerrado não é homogêneo, mas a maior parte de sua vegetação é composta de formações arbustivas e herbáceas e suas árvores são de porte médio (geralmente entre 3 e 6 m, no máximo 10 m de altura) e retorcidas.

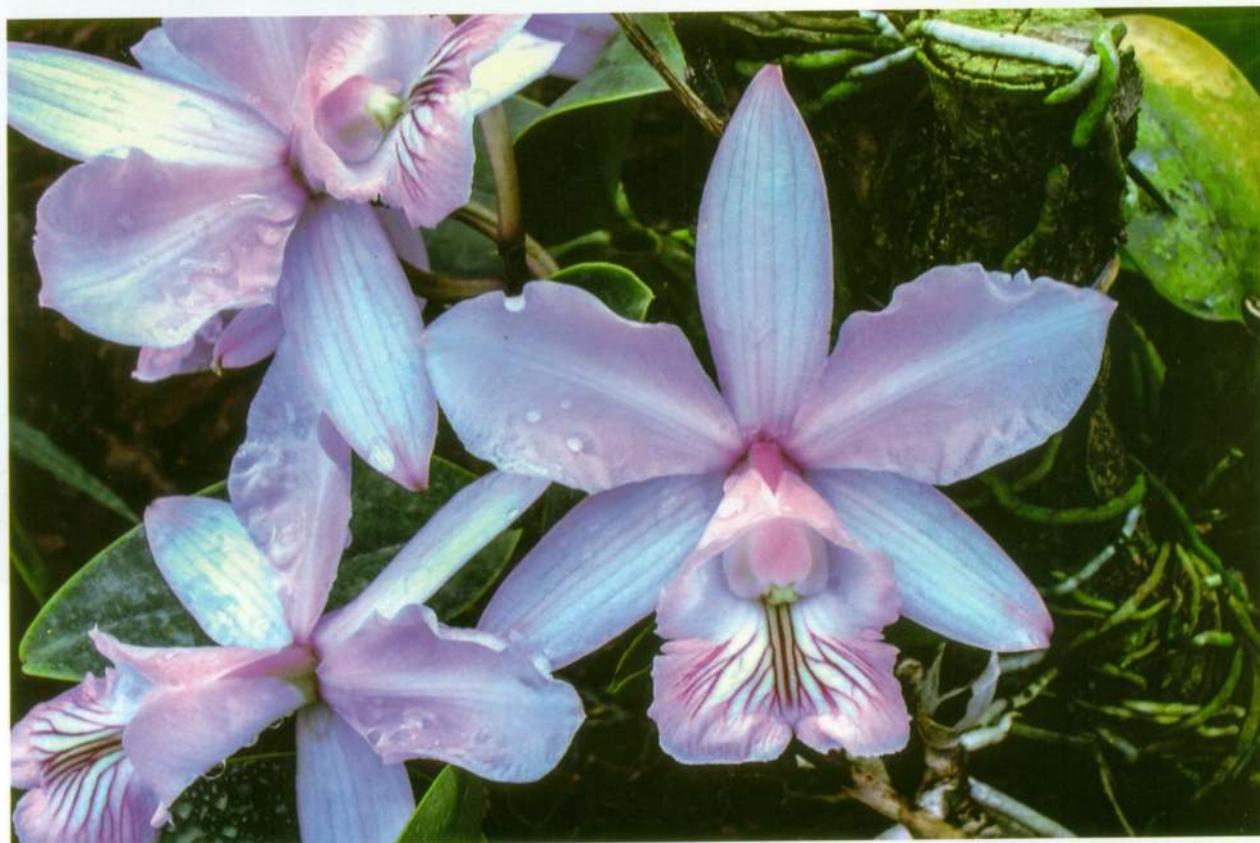


Fig. 13 – *C. nobilior* 'King of Kings'.

Possuem uma casca espessa, rugosa (que as protege contra as frequentes queimadas) e folhas coriáceas.

As orquídeas epífitas preferem as estreitas matas ciliares que acompanham os rios por centenas de quilômetros e que funcionam como vias de migração.

Situado no interior do continente, não recebe influência dos ventos marítimos, mas, em seu interior nascem diversos rios. Possui chapadas que são elevações bem mais altas, isoladas nas florestas, planas como uma mesa. Climaticamente, o bioma



Fig. 14 – detalhe do labelo de *C. nobilior* 'King of Kings', característico da espécie.



Fig. 15 – *C. walkeriana*

Cerrado é caracterizado por dias quentes e secos e noites muito frescas, com ampla alternância de temperatura. A oscilação entre o dia e a noite e entre o verão e o inverno é muito acentuada, há locais onde há uma queda diária num período de 12 horas, de 35° C para 0° C. A média anual pode ser de 26° C no extremo norte, ou 22 no extremo sul. Nas chapadas varia de 20 a 22° C. Na primavera/verão, durante o dia, são comuns as temperaturas altas e em áreas planas ou mesmo regiões as mais elevadas, já foram registradas máximas superiores a 40/42° C. Não há, portanto, uma homogeneidade de temperatura.



Fig. 16 – *C. amethystoglossa*, que ocorre na Bahia e no Espírito Santo, será tratada na parte 2 do artigo

A pluviosidade é mais homogênea, possui apenas duas estações bem definidas uma chuvosa e uma extremamente seca que pode durar até sete meses e as chuvas se precipitam de novembro a março. Neste período de seca, o sereno da noite é a fonte de umidade.

Cattleya nobilior Rchb.f.

Espécie bifoliada, ocorre no Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará e Tocantins (var. *amaliae*).

É uma planta perfeitamente adaptada aos rigores climáticos do Cerrado. Suporta seca prolongada, absorvendo lentamente suas reservas e chega a ter suas folhas e pseudobulbos enrugados, diminuindo de volume e voltando a se reidratar quando começam as chuvas. Surge em matas de Cerrado e em regiões rochosas de clima semiárido.

Suas flores nascem individualmente ou em número de duas, da base do pseudobulbo e medem de 10 a 12 cm, entre julho a agosto.

A variedade *amaliae* produz mais flores, com pétalas mais largas e mais planas. Seu labelo é mais largo e colorido.

C. x mesquiae L. C. Menezes foi descrita como um híbrido natural resultado do cruzamento com *C. walkeriana* var. *princeps*. Posteriormente, a própria autora modificou este status considerando como uma subespécie e denominando-a *Cattleya nobilior* subsp. *mesquiae* L. C. Menezes (2011).



Fig. 17 – *C. schilleriana*, que ocorre na Bahía e no Espírito Santo, será tratada na parte 2 do artigo.

Cattleya walkeriana Gardner

Espécie unifoliada (eventualmente 2 folhas) muito próxima da *C. nobilior*, ocorre principalmente no Bioma Cerrado. Cresce como epífita sobre árvores de matas secas e em árvores das matas ciliares de pequenos rios e também como rupícola em afloramentos rochosos, a pleno sol, circundada por vegetação de cerrado. Surge em elevações entre 30m e 2.000m de altitude, no Distrito Federal, em Goiás, Minas Gerais e São Paulo. A literatura cita também ocorrência para Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraná e até mesmo Rio de Janeiro, mas seu centro de distribuição é Minas Gerais. Nas chapadas, ocorre como epífita em árvores de maior porte, em altitude de 1000 a 2000m.

Suas flores, de 8 a 10 cm de diâmetro, são de longa duração e surgem em haste curta. Seus botões aparecem sem espata lançados de um falso pseudobulbo principalmente de abril a junho, mas seu período de floração é muito variável. É muito usada em hibridação em função da facilidade de cultivo, da substância, textura e longevidade de suas flores, em contrapartida tende a produzir plantas com número reduzido de flores. Seu perfume e seu porte vegetativo reduzido são transmitidos a sua progênie.

Existe registro de híbridos naturais interespecíficos e também intergenéricos como *Schombocattleya x felix* L.C. Menezes [*Schomburgkia crista* Lindl., hoje considerada como *Laelia marginata* Lindl. (L.O. Williams) ou, mais provavelmente *Laelia gloriosa* Rchb. f. (L.O. Williams)]. Seu híbrido natural mais conhecido é a *C. x dolosa* Rchb. f. (x *C. loddigesii* Lindl.) com o que, por sua vez, recruzou dando origem a *C. x o'brieniana* Rolfe.

É uma espécie bastante adaptável e pode ser também cultivada em clima quente, mas vegeta melhor em clima mais ameno ou mais frio. De crescimento desordenado, desenvolve-se bem em tocos de madeira de casca rugosa ou placa de casca de árvore

(sobretudo peroba, corticeira, canela) por precisar de um sistema de drenagem bastante eficiente. Gosta de bastante luminosidade, é ávida de luz. Quando em período de crescimento, deve ser bem regada, mas durante o inverno, a rega deve diminuir bastante, pois ela resente qualquer excesso de umidade neste período.

Ataques por cochonilha são um grave problema.

As outras duas espécies do bioma Cerrado, *Cattleya violacea*, já foi incluída na Região Norte e *C. bicolor* será na segunda parte deste artigo, quando iremos falar das espécies de *Cattleya* que ocorrem nas regiões Sudeste e Sul.

Literatura consultada:

- Braem, G.J. 1984. *Cattleya: The Brazilian Bifoliate Cattleyas*. Alemanha, Brücke-Verlag – Kurt Schmersow. 96 pp.
- Braem, G.J. 1986. *The Unifoliate Cattleyas: Band II*. Alemanha, Brücke-Verlag – Kurt Schmersow. 96 pp.
- Braga, P.I.S. 1977. Aspectos Biológicos das Orchidaceae e uma Campinha da Amazônia Central. *Acta Amazonica*, Ano VII, vol. VII (2). 89 pp.
- Brazilian Orchids - consultado em 12.06.2016
<http://www.delfinadearaujo.com/on/on28/paginas/wlad2.htm>
- Brito, A.L.V.T. & Crib, P. 2005. *Orquídeas da Chapada Diamantina*. Editora Nova Fronteira. Brasil.:92-98.
- Campacci, M.A. et al. 2007. *Coletânea de Espécies Brasileiras*. Vol. 5. São Paulo, CAOB. :138-145.
- Castro Neto, V.P. & Campacci, M.A. (eds.). 2000. *Icones Orchidacearum Brasiliensis; I*. São Paulo, edição de V.P. Castro Neto. 200 pp.
- Castro Neto, V.P. (ed.). 2006. *Icones Orchidacearum Brasiliensis, II*. São Paulo, edição do autor edição de V.P. Castro Neto. 200 pp.
- Castro Neto, V.P. (ed.). 2012. *Icones Orchidacearum Brasiliensis, III*. São Paulo, edição do autor V.P. Castro Neto. 200 pp.
- Chadwick A.A. & Chadwick, A.E. 2006. *The Classic Cattleyas*. Timber Press, EUA. 251 pp.
- Flora do Brasil – Reflora Consultado em 12 de junho de 2016
<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/PrincipalUC/PrincipalUC.do>
- Fontes, J.P.S. 1989. *Cattleya labiata Lindley: a rainha do Nordeste Brasileiro*. Rio de Janeiro, Edição Europa. 153 pp.
- Fowlie, J. A. 1977. *The Brazilian Bifoliate Cattleyas and their Color Variety*. EUA, Pomona. 132 pp.
- Lacerda, K.G. 1995. *Brazilian Orchids*. Sodo Publishing, Japão. :10-39.
- Luz, J. & Franco, J. 2012. *Orquídeas de Roraima*. Brasil, Embrapa.184 pp.
- Menezes, L.C. 2002. *Cattleya labiata autumnalis*. IBAMA, Brasil. 252 pp.
- Menezes, L.C. 2014. *Orquídeas do Planalto Central Brasileiro*. IBAMA, Brasil. 536 pp.
- Miranda, F. 1996. *Orquídeas da Amazônia Brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura.192 pp.

- Ostetto, S. 2015. Orquídeas do Mato Grosso do Sul. Brasil. (edição do autor). 142 pp.
- Pabst, G.F. & Dungs F. 1977. Orchidaceae Brasilienses. Vol. I. Alemanha, Brücke-Verla – Kurt Schmiersow. 408 pp.
- Ruschi, A. 1986. Orquídeas do Estado do Espírito Santo. Rio de Janeiro, Editora Expressã e Cultura. 278 pp.
- Segundo Encontro Nacional de Orquidófilos e Orquidólogos, Pernambuco, Brasil. 1990. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura. 164 pp.
- Silva, M.F.F. & Silva, J.B.F. 2010. Orquídeas Nativas da Amazônia Brasileira II. (2ª. Ed. Belém, Museu Paranaense Emílio Goeldi. 527 pp.
- Viana Jr, S. & Viana, P.L. 2001. *Cattleya walkeriana* Gardner: aspectos botânicos e estudo cromático. Associação de Cattleya walkeriana. 62 pp.
- Withner, C. L. 1995. The *Cattleya* and Their Relatives, Volume I: Cattleyas. EUA, Timber Press. 147 pp.
- Withner, C.L. 1990. The *Cattleya* and Their Relatives, Volume II: The Laelias. EUA Timber Press. 154 pp.
- Coleção Boletim Caob- Número 1 a 94. Edição CAOB – Coordenaria das Associação Orquidófilas do Brasil.
- Coleção Revista OrquidaRio, volumes 1 a 29. Edição OrquidaRio – Orquidófilo Associados.



Bvorchids
Bela Vista

Especializado em espécies naturais reproduzidos em laboratório buscando o melhoramento da qualidade.
Visite nosso catálogo virtual

Mais de trezentos espécies disponíveis
Solicite um orçamento sem compromisso

Enviamos lista de preço
mediante solicitação

Rua Sebastião Leite do Canto - S/Nº (final da rua) - Assis - SP - Brasil
CEP: 19.800-121 - CX. Postal 203
Fone: 18-3324 8361 - Fax: 18-3325-1635
e-mail: belavista@bvorchids.com.br



Orquidário da Serra

Plantas naturais e híbridas

www.orquidariodaserra.com.br
salvador@orquidariodaserra.com.br

Loja física em Piracicaba - SP
Rua Alfredo Guedes, 300 - Alemães
Tel.: (19) 3433-3250



Nova espécie de *Catasetum* para o estado do Amazonas, Brasil

Adarilda Petini-Benelli¹
ada.benelli@gmail.com

Resumo: Um novo táxon é descrito para o estado do Amazonas, oriundo da região do Lago de Carabanatuba, município Humaitá, no bioma Amazônia. A vegetação dominante na área é a Floresta Ombrófila Densa, com clima quente e úmido e elevação máxima de 90m. Com características morfológicas que o assemelham ao *Catasetum denticulatum* Miranda, a espécie aqui proposta se destaca por apresentar inflorescência compacta que surge da base de pseudobulbos maduros, flores densamente agrupadas e maiores, bem como pela época de floração diferente.

Palavras Chave: Amazonas, *Catasetum*, *Catasetum denticulatum*, *Catasetum ivanaei*.

Abstract: (A new species of *Catasetum* described for Amazonas state, Brazil) A new taxon is described for the state of Amazonas, originally from Lake Carabanatuba, Humaitá municipality, region in the Amazon biome. The dominant vegetation in the area is dense rain forest, with hot and humid weather and maximum elevation of 90 m. With some similarity with *Catasetum denticulatum* Miranda, the species here proposed stands out for presenting a compact inflorescence that arises from the base of the mature pseudobulbs, larger and densely packed flowers, as well as a different flowering period.

Key Words: Amazon, *Catasetum*, *Catasetum denticulatum*, *Catasetum ivanaei*.

O gênero *Catasetum* Rich. ex Kunth (Orchidaceae) pertence à subfamília Epidendroideae, tribo Cymbidieae, subtribo Catasetinae (Pridgeon *et al.* 2009); foi proposto por Kunth (1822: 330), baseado em informações de Louis-Claude Marie Richard, sendo *Catasetum macrocarpum* Rich. ex Kunth a espécie tipo. Está representado no estado do Amazonas por cerca de 40 espécies, segundo a Lista de Espécies da Flora do Brasil (Barros *et al.* 2016). Dessas, 12 são consideradas endêmicas do estado (Silva & Silva, 1998), algumas com raríssimos registros, por exemplo os *C. richterii* Bicalho (1974: 127) e *C. reichenbachianum* Mansf. (1930: 95) dos quais apenas se viu os espécimes nos quais se basearam a descrição.

Este gênero caracteriza-se por apresentar flores unissexuais - femininas ou masculinas (Dodson, 1962), sendo as flores masculinas as únicas que possibilitam uma correta identificação das espécies. São plantas perenes (epífitas, rupícolas ou terrícolas), com caules dilatados (pseudobulbos) com entrenós, fusiformes e recoberto por bainhas. As folhas são planas, membranáceas, lanceoladas a ovaladas, atenuadas na base e acuminadas ou agudas no ápice. Emitem inflorescência lateral, emergindo da base do pseudobulbo, racemiformes, eretas, patentes, pendentes ou curvadas em arco, com poucas ou muitas flores. Suas flores são muito variáveis, com coloridos que passam pelo verde até o marrom-escuro, quase negro. Os frutos são grandes e contêm até 800 mil sementes microscópicas, pulverulentas (Hoehne, 1933).

¹ Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Av. Fernando Correa da Costa, 367, Bairro Boa Esperança, CCBS-II, CEP 78060-900, Cuiabá, MT, Brasil.

Considerando os elevados índices de desmatamento registrados para a região amazônica, se faz urgente uma nova e acurada avaliação da flora nativa, com um *checklist* atualizado da diversidade biológica local.

Área de Estudo

O município de Humaitá está localizado no estado do Amazonas (Fig. 1), na mesorregião do Sul Amazonense, microrregião do Madeira (IBGE 2016). Limita-se com os municípios amazonenses de Manicoré, Tapauá e Canutama, e com Porto Velho e Machadinho d'Oeste, estes últimos no estado de Rondônia. Sua área é de 33.071,00 km², sendo um dos maiores municípios do estado em área territorial (Almeida, 2005; Bentes & Rolim, 2005).

O estado do Amazonas (Fig. 1) possui relevo que abriga grandes rios da Bacia Amazônica, todos de fundamental importância para a economia local. Além do rio Madeira, outros também se destacam, como os rios Marmelo, Maicí, Machado e Ipixuna, e também os Igarapés Caxiri, Behém, Banheiro, Pupunha e Puruzinho. Dentre os lagos, o Pupunha, Paraíso, Uruapiara, dos Reis, do Antônio, do Acará, entre outros, destacamos o extenso Lago de Carabanatuba, onde se concentra a espécie que é o nosso foco de estudo (Affonso, 2004; Almeida, 2005).

O clima é quente e úmido com duas estações do ano: uma chuvosa (inverno), de outubro a abril e outra de estiagem (verão), de maio a setembro. No meio do ano, às vezes acontece o fenômeno da “friagem” que é uma queda da temperatura provocada pelo deslocamento da Massa de Ar Polar Atlântica. A vegetação dominante é a Floresta Amazônica com grande diversidade biológica, tanto de fauna quanto de flora, ameaçada pela exploração desordenada de madeira e pela supressão de grandes áreas de vegetação para a introdução da agricultura e da pecuária.

Coleta de Dados

Os espécimes analisados foram cedidos por Ivane Cardoso, oriundos de Humaitá (AM), onde foram coletados em 2012 e mantidos em cultivo em Porto Velho (RO). As amostras foram herborizadas e depositadas nos herbários CNMT (Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* Sinop) e UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso, *campus* Cuiabá). Algumas flores de cada amostra foram preservadas em solução alcóolica (Spirit) na coleção líquida. Os espécimes foram fotografados e os caracteres morfológicos foram comparados com a bibliografia taxonômica disponível para uma correta determinação da espécie.

Resultados e Discussão

Catasetum ivanaei Benelli, *nv.sp.*

Diagnosis: (latim) *Epiphyticum*, haec *C. denticulatum* similibus; *pseudobulbis* oblongis, *acutis*; *foliis* oblanceiformibus; *inflorescentia* multiflora, *pendula*; *floribus* masculinis *resupinatis* cum *sepalis* *petalisque* *ovatolanceolatis*, *eburneum-citrinus*, *brunneum-rubescens* *punctatis*; *labellum* *infero*, *carnosum*, *ovatum*, *medio* *foramine* *frontal* *vel* *ostio* *orbicular*, *marginibus* *irregulariter* *denticulatis*.

Diagnosis (inglês): Epiphyte, similar to *Catasetum denticulatum* Miranda; oblong pseudobulbos pointed; oblanceolated leaves; multiflora flowering stem, pendent; resupinated male flowers with ovate-lanceolate sepals and petals, yellowish, densely spotted with Brown-red spots. Lower lip fleshy, ovate, mid sac with orbicular ostium and edges irregularly denticulated.

Diagnose: Epífita, similar ao *Catasetum denticulatum* Miranda; pseudobulbos oblongos, aguçados; folhas oblanceoladas; inflorescência multiflora, pendente; flores masculinas resupinadas com sépalas e pétalas ovado-lanceoladas, amareladas, densamente pintalgadas de marrom-avermelhados. Labelo ínfero, carnoso, ovalado, saco central com óstio orbicular e margens irregularmente denticuladas.

Descrição (detalhada): Erva epífita. *Pseudobulbos* 10–20 × 4–6 cm, fusiformes, agregados, eretos, roliços, ápice acuminado e base alargada (Figura 3). *Folhas* 15–25 × 3–5 cm, trinervadas na face dorsal, a central mais destacada, 5–7 por pseudobulbo. *Inflorescência* masculina 10–20 × 0.5–0.8 cm, rija e totalmente pendente, coberta por até 30 flores estaminadas odoríferas, resupinadas, dispostas lado a lado, comprimindo-se umas às outras. *Pedicelo* 9–10 × 1,7–2 mm (incluído o ovário), curvado para baixo e depois para cima (...). *Brácteas* amplexicaules 4 × 2 mm. *Sépala dorsal* 21–23 × 16–18 mm, um tanto côncavas, ovaladas, de ápice aguçado e margens revolutas; as *laterais* 20–23 × 17–19 mm. *Pétalas* 21–23 × 14–17 mm, geralmente côncavas, ovaladas. Todas as peças florais são intensamente pintalgadas de vinho ou marrom-avermelhado, sempre em tons escuros, sobre fundo rosado ou marrom-claro. Inclusive o labelo, que segue o mesmo padrão de coloração, corroborando o vernáculo, pois vista a alguma distância, toda a inflorescência assemelha-se a um cacho de uvas (Figuras 7 e 13). Ocasionalmente, o labelo apresenta a porção central com fundo amarelado, pintalgado de marrom-escuro (Figuras 10 a 12). *Labelo* 24–28 × 21–26 mm, ovalado a retangular, rijo e carnoso, às vezes, com pequeno calo apiculado na porção frontal, lobos laterais arredondados, com margens recobertas por estruturas triangulares a tubuliformes, distribuídas em até duas fileiras indistintas, próximo à base do labelo, mescladas a pequenos cílios esparsos; na porção central, com depressão saciforme de âmbito oval ou circular (8–10 mm de profundidade). *Coluna* 17–18 × 5–6 mm (incluindo o rostelo), rija e recurvada para frente sobre o labelo, subtriangular, base estreita. *Rostelo* 4 mm. *Antenas* 5–6 × 0.3–0.4 mm, paralelas e voltadas para o centro do labelo onde ocasionalmente se tocam sem tocar o labelo, delgadas e pintalgadas de marrom-escuro ou vinho. *Políneas* 2 (1,5 × 0,5 mm). *Estipe* 2,5 mm. *Antera* 4 × 3 mm com rostelo de 3,0–3,5 mm. Flores pistiladas e frutos não observados.

Holótipo:—BRASIL. AMAZONAS: Humaitá, próximo ao Lago de Carabanatuba, 06°46'20"S, 62°42'43"W elev. 90 m. I.S. Cardoso APB1010, 19-VI-2015 (CNMT, Spirit). (fig. 2-19).

Nome vernacular: “Cachinho-de-uvas”.

Etimologia:—Epíteto em homenagem à descobridora da espécie, a Sra. Ivane de Souza Cardoso.

Distribuição:— Sítio Sodoma, na Vila Carabanatuba, próximo ao lago homônimo, no município de Humaitá, Amazonas.

Status de Conservação:—Considerando a área restrita onde foi registrada até o momento (todo o município tem pouco mais de 33 mil km²), *C. ivanaei* pode ser considerado espécie vulnerável (VU), segundo os critérios da IUCN (2014).

Material selecionado:—BRASIL. AMAZONAS: Humaitá. *J. Fernández APB996*, 28-V-2015 (Spirit UFMT) (♂); Idem. *I.S. Cardoso APB1008*, 19-VI-2015 (UPCB, Spirit UPCB) (♂); Idem. *I.S. Cardoso APB1009*, 19-VI-2015 (CNMT, Spirit UPCB)(♂); Idem. *J. Fernández APB1036*, 27-I-2016 (Spirit UFMT) (♂).

Material adicional examinado (*C. denticulatum*):—BRASIL. RONDÔNIA. Anarí: rio Anarí. *A. José ADA442*, 20-XI-2013 (Spirit UFMT) (♂). Jamarí: rio Jamarí. *J.B.F. Silva 286*, 6-II-1994 (MG 146055) (♀); Idem. *J.B.F. Silva 287*, 6-II-1994 (MG 146056) (♂); Idem. *J.B.F. Silva 356*, II-1994 (MG 147009) (♂). Porto Velho. *V.A. Gil ADA1170*, 13-III-2014 (Spirit UPCB)(♂); Idem. UHE Samuel. *J.B.F. Silva s.n.*, II-1989 (SP 340012) (♂). Presidente Médici. *A. Petini-Benelli & A.S. Nogueira ADA542*, 26-VI-2013 (UPCB; Spirit UPCB) (♂); Idem. *Petini-Benelli & A.S. Nogueira ADA542*, 2-XII-2013 (IAN 192013) (♂); Idem. *Petini-Benelli & A.S. Nogueira ADA543*, 15-XII-2013 (HBR 54449) (♂); Idem. *Petini-Benelli & A.S. Nogueira ADA545*, 22-XI-2013 (UPCB 79246) (♂); idem. *A.S. Nogueira ADA558*, 26-XI-2013 (RB 594053; Spirit UPCB) (♂); Idem. *M.A. Oliveira ADA458*, 21-XI-2013 (Spirit UPCB) (♂); Idem. *S.C. Freitas ADA568*, 4-I-2014 (UFMT 41234) (♂); Idem. *A.S. Nogueira ADA1353*, 24-I-2015 (UFMT; Spirit UFMT) (♂)

Catasetum ivanaei tem sido cultivado como *C. denticulatum* Miranda por algum tempo, pois apresenta semelhança visual com este. No entanto, em uma análise mais acurada, percebe-se que as flores de *C. ivanaei* são maiores, estão dispostas de forma bem agrupada na inflorescência e esta é bem mais curta que a de *C. denticulatum*.

Enquanto em *C. denticulatum* a inflorescência pode ultrapassar 30 cm de comprimento (em médio, 20 cm), a haste floral de *C. ivanaei* raramente atinge 20 cm. Ainda, em *C. denticulatum* as flores dispõem-se num eixo elíptico em que é possível perceber alternância perfeita de até quatro flores para completar um ciclo. Em *C. ivanaei*, nesse eixo imaginário, os ciclos encontram-se muito mais próximos e contamos de seis até oito flores em cada um.

Apresenta labelo similar ao de *C. denticulatum*, às vezes com calosidades que lembram grânulos, na porção frontal, o que lhe dá aparência rugosa. No geral, o labelo é liso, de aparência encerada ou polida, em quase toda sua extensão. Em *C. denticulatum*, o labelo possui uma pequena depressão alongada no sentido do comprimento do labelo, na porção central, que lembra uma calha ou canal (10–13 × 3–4 mm) (Figs. 20 e 22). Apesar de apresentar certa variação morfológica e por apresentar similaridade visual com *C. denticulatum*, *C. ivanaei* difere-se principalmente pela disposição das flores na inflorescência compacta, pelo tamanho avantajado de suas flores (quando comparadas à *C. denticulatum*) e por sua fenologia diferenciada. Enquanto em *C. denticulatum* a floração inicia-se quase que simultaneamente ao início do desenvolvimento do novo

Quadro I. Comparação entre as duas espécies inter-relacionadas: *Catasetum denticulatum* K.G.Lacerda e *Ctism. ivanaei* Benelli.

	<i>Ctism. denticulatum</i>	<i>Ctism. ivanaei</i>
Inflorescência	Racemosa e pendente, 10–35 × 0.5–0.8 cm	Racemosa e pendente, 10–20 × 0.5–0.8 cm
Flores na haste	Distribuídas espaçadamente ao longo de toda a haste	Densamente agrupadas ao longo da haste
Flor ressupinada	Sim	Sim
Flor, tamanho quando distendida	4–4,5 mm	4,7–5,2 mm
Pedicelo (incluindo o ovário)	2–2,5 × 2 mm	9–10 × 1,7–2 mm
Sépala dorsal	Elíptica, côncava, 20–27 × 13–14 mm	Ovalada, côncava, 21–23 × 16–18 mm
Sépala lateral	Elíptica, côncava, 20–27 × 13–14 mm	Ovalada, côncava, margens revolutas, 20–23 × 17–19 mm
Pétala	Elíptica a acuminada, côncava, 20–27 × 13–16 mm	Ovalada a acuminada, côncava, 21–23 × 14–17 mm
Labelo	Gameli-forme, carnosos, rijos, elíptico, cordado, côncavo, margens cristas a planas, 20–23 mm compr. × 15–17 mm larg. × 4–5 mm prof.	Saqui-forme, carnosos, rijos, elíptico, cordado, côncavo, margens arredondas, 22–26 mm compr. × 20–25 mm larg. × 8–10 mm prof.
Labelo, ornamentos	Próximo à base, com calo subtrapézoidal, margens densamente denticuladas	Raramente, com pequeno calo apiculado na porção frontal do lobo mediano, margens recobertas por estruturas triangulares a tubuliformes, próximo à base, ciliado.
Antenas	Inicialmente convergentes, depois recorrentes, 0,6–0,7 mm	Paralelas, convergente na porção terminal, 5–6 × 0,3–0,4 mm
Coluna	Rija e crista, subtriangular, 18–19 × 5–6 mm	Rija e recurvada, subtriangular, 17–18 × 5–6 mm
Estipe	Quadrangular, 2,5 mm	Quadrangular, 2,5 mm

pseudobulbo, muitas vezes florescendo antes da maturação deste, em *C. ivanaei* a inflorescência somente se inicia após o pseudobulbo estar totalmente formado e, não raramente, a antese ocorre com os pseudobulbos já despídos de suas folhas (veja a Figura 13). Além desses diferenciadores, o período de fertilidade de ambas as espécies apresenta um lapso de tempo significativo, com *C. denticulatum* florescendo entre outubro e fevereiro, e *C. ivanaei* apenas de abril a junho.

Seu nome comum (“cachinho-de-uvras”) foi atribuído devido à semelhança visual de sua inflorescência a um cacho de uvas, por suas flores agregadas, mas principalmente pela coloração vinosa do conjunto. No entanto, há uma variação na coloração de suas flores que vão desde o rosado, o marrom-claro até o marrom-escuro e o vinho. Sempre densamente pintalgadas de vinho ou marrom-escuro ou vermelho-escuro. Apenas em um espécime as flores apresentaram-se totalmente brancas, no entanto, ainda não foi possível analisar acuradamente sua morfologia nem preparar material-testemunha desse indivíduo. Está representado na Figura 21, gentilmente cedida por Luiz Francisco Bordignon.

Observamos grande variabilidade entre os espécimes analisados, o que indica cruzamentos entre indivíduos diferentes.

Outro dado importante para corroborar a impossibilidade de que *C. ivanaei* seja o mesmo que *C. denticulatum* é que não há nenhum registro desta última espécie no estado do Amazonas. Embora possua uma considerável riqueza de Catasetinae, ainda não foi coletado nenhum espécime de *C. denticulatum* no Amazonas, estando este restrito ao estado de Rondônia (Barros *et al.* 2016).

A espécie foi encontrada, pela primeira vez, por Ivane Cardoso em propriedade de sua família. *Catasetum ivanaei* é encontrado como erva epífita em áreas com boa luminosidade, na Floresta Ombrófila Densa, no bioma Amazônia, onde os níveis de umidade são bem elevados. Esse, pode ser o principal fator a ser considerado para contornar a grande dificuldade de cultivo dessa espécie. Os poucos espécimes coletados para este estudo, têm se mostrado de desenvolvimento lento e complicado.

Referências:

- Affonso, A.M.A. 2004. *Comendador Monteiro - Tronco e Ramagens*. Ed. Valer e Ed. UniNorte e Governo do Estado do Amazonas, 1ª edição, AM: Manaus.
- Almeida, R.N. 2005. *Retalhos Históricos e Geográficos de Humaitá*. Ed. R.N. Almeida, 2ª edição, RO: Porto Velho.
- Barros, F., Vinhos, F., Rodrigues, V.T., Barberena, F.F.V.A., Fraga, C.N., Pessoa, E.M. & Foster, W. 2016. Orchidaceae. In: R.C. Forzza, J.R. Stehmann, M. Nadruz, A. Costa, A.A. Carvalho Jr., A.L. Peixoto, B.M.T. Walter, C. Bicudo, C.W.N. Moura, D. Zappi, D.P. da Costa, E. Lleras, G. Martinelli, H.C. Lima, J. Prado, J.F.A. Baumgratz, J.R. Pirani, L.S. Sylvestre, L.C. Maia, L.G. Lohmann, L. Paganucci, M.V.S. Alves, M. Silveira, M.C.H. Mamede, M.N.C. Bastos, M.P. Morim, M.R. Barbosa, M. Menezes, M. Hopkins, P.H.L. Evangelista, R. Goldenberg, R. Secco, R.S. Rodrigues, T. Cavalcanti & V.C. Souza (orgs.). *Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB179> (acesso em 6-I-2016).

- Bentes, D.S. & Rolim, A.R. 2005. *O Amazonas no Brasil e no Mundo*. Ed. Mens'sana, 1ª edição, AM: Manaus.
- Bicalho, H.B. 1974. *Catasetum richteri*. *Bol. Soc. Campineira Orq.* 3(4): 127.
- Dodson, C.H. 1962. Pollination and variation in the subtribe Catasetinae (Orchidaceae). *Annals of the Missouri Botanical Garden* 49: 35-56.
- Hoehne, F.C. 1933. Contribuição para o conhecimento do gênero *Catasetum* Rich. e especialmente o hermafroditismo e trimorfismo das suas flores. *Bol. Agric. Secr. Agric., Ind. e Com. do estado de São Paulo*, pp. 3-66.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2016. *Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_dtb_int.shtm. Acesso em 11 jan. 2016.
- Kunth, C.S. 1822. *Synopsis Plantarum* 1: 330-331.
- Mansfeld, R. 1930. *Catasetum reichenbachianum*. *Repert. Spec. Nov. Regni Veg.* 28: 95.
- Pridgeon, A.M., Cribb, P.J., Chase, M.W. & Rasmussen, F.N. 2009. *Genera orchidacearum* v. 5. Epidendroideae (Part II). Oxford University Press Inc., Oxford.
- Silva, J.B.F. & Silva, M.F.F. 1998. *Orquídeas Nativas da Amazônia Brasileira, Gênero Catasetum L. C. Rich. ex Kunth*. Coleção Adolpho Ducke, Museu Goeldi, PA: Belém.



Fig. 1. Localização do munic. de Humaitá, AM. (Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil_location_map.svg#/media/File:Brazil_location_map.svg. Acesso em 15 Mai. 2015.)



Fig. 3. Aspecto vegetativo de *Ctsm. ivanaei* (espécime em cultivo). (Foto: J. Fernandez).

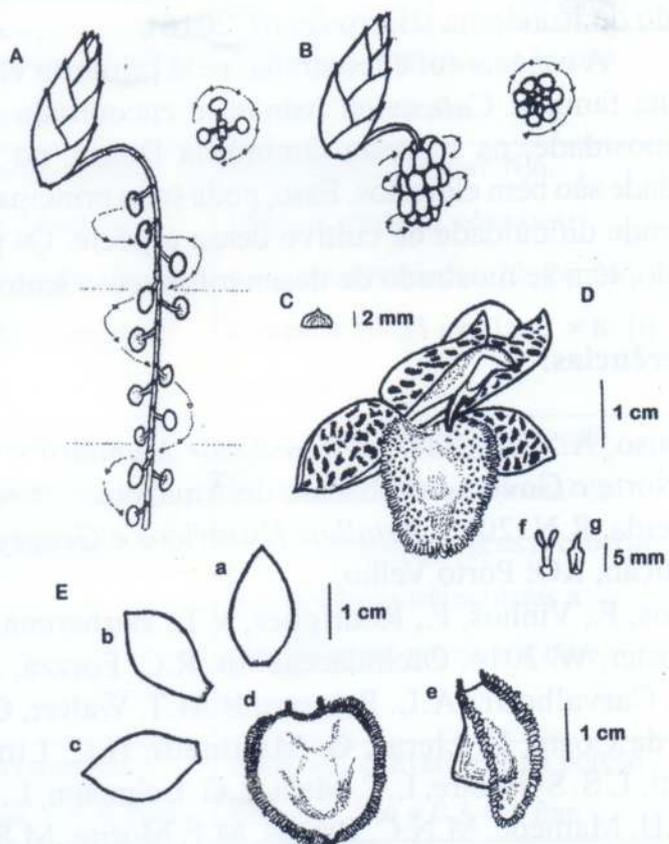


Fig. 2. Ilustração de *Catasetum ivanaei* Benelli. A – comparação das inflorescências de *Ctsm. denticulatum* (a) e *Ctsm. ivanaei* (b); B – vista geral da flor masculina; C – flor masculina dissecada: a – sépala dorsal; b – sépala lateral; c – pétala; d – labelo, vista frontal; e – labelo, vista lateral. (Ilustrado por A. Petini-Benelli).



Fig. 4. *Ctsm. ivanaei*, variação na morfologia do labelo de flor masculina. Fig. 4-14. Cultivo e foto de: I. S. Cardoso).



Fig. 5.



Fig. 6.



Fig. 7.



Fig. 8.



Fig. 9.



Fig. 10.



Fig. 11.



Fig. 12.



Fig. 13.



Fig. 14.



Fig. 15. Indivíduo masculino de *Ctsm. ivanaei* com a coloração mais frequente, que deu origem ao nome popular de “Cachinho-de-uvas”. (Cultivo e foto: J. Fernández).



Fig. 16. *Ctsm. ivanaei*, variação na morfologia do labelo de flor masculina. (Cultivo e foto: J. Fernández).

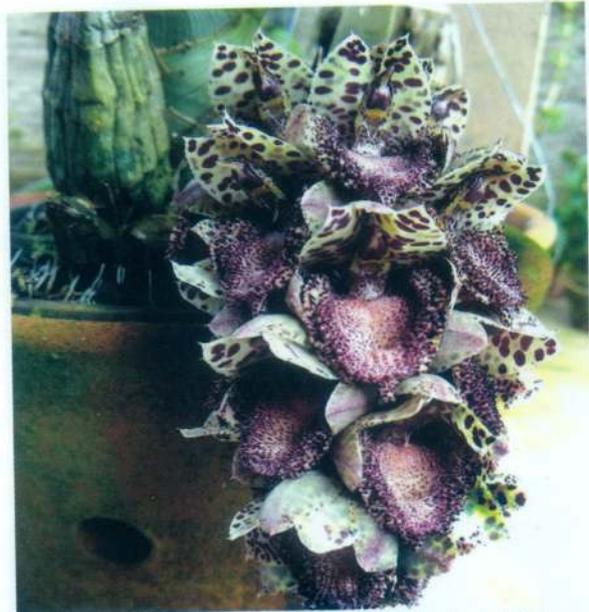


Fig. 17. *Ctsm. ivanaei*, variação na morfologia do labelo de flor masculina. Cultivo e Foto: J. Fernandes



Fig. 18. Conjunto de labelos de flores masculinas de *Ctsm. denticulatum* destacados para ilustrar a variabilidade dentro da própria espécie. (Foto: J. Fernández).

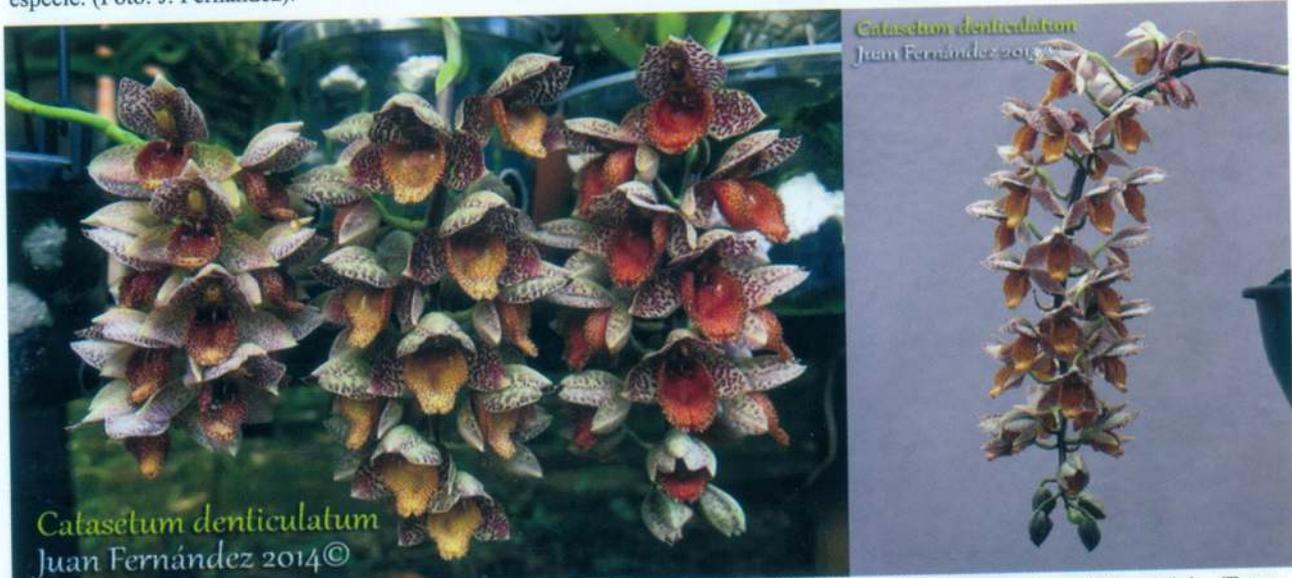


Fig. 19. Conjunto de inflorescências masculinas de *Ctsm. denticulatum* ilustrando a variabilidade dentro da própria espécie. (Fotos: J. Fernández).



Fig. 20. Espécime de *Ctsm. ivanaei* com flores masculinas totalmente brancas, forma com um único registro. (Cultivo e foto: L. F. Bordignon).



Fig. 21. *Ctsm. ivanaei* variação na morfologia do labelo. (Cultivo e foto: /I. S. Cardoso).



Fig. 22. *Ctsm. ivanaei*, variação na morfologia do labelo de flor masculina. (Cultivo e foto: J. Fernández).

Catasetum x mesquithae U.L.C. Ferreira, novo híbrido natural.

Ulisses Ferreira
lcfulisses@hotmail.com

Resumo: *Catasetum x mesquithae* é descrito como novo híbrido natural de *Catasetum* nativo do estado de Rondônia, Brasil. Trata-se do cruzamento oriundo entre as espécies de *Ctsm. boyi* Mansf. e *Ctsm. ariquemense* F.E.L.Miranda & K.G.Lacerda.

Palavras chave: híbrido natural, *Catasetum boyi*, *Catasetum ariquemense*, Rondônia.

Abstract: (*Catasetum x mesquithae* U.L.C. Ferreira, a new natural hybrid.) *Catasetum x mesquithae* is described as a new natural hybrid of *Catasetum* native of the state of Rondônia, Brazil. The hybrid is a crossing between the species *Ctsm. boyi* Mansf. and *Ctsm. ariquemense* F.E.L.Miranda e K.G.Lacerda.

Key words: natural hybrid, *Catasetum boyi*, *Catasetum ariquemense*, state of Rondônia, Brasil.

Rondônia é um estado rico em espécies do gênero *Catasetum* e em função dessa variedade florífera alguns híbridos deste gênero tem sido encontrados em território nortista. Ao visitar os habitats é possível registrar florações em profusão de espécies distintas ocupando as mesmas regiões, e que inevitavelmente, disputam seus mesmos polinizadores, as abelhas Euglossini.

Neste sentido o proposto artigo exemplifica um novo registro de híbrido natural para o gênero, planta esta com características mistas entre duas espécies já bem conhecidas na botânica e nos orquidários brasileiros.

Catasetum x mesquithae U.L.C. Ferreira

Descrição (detalhada):

Planta epífita de tamanho mediano para o gênero; **pseudobulbos** fusiformes de 12,0 a 15,0 cm de altura por até 3,5 cm de diâmetro, verdes escuros, multianelados, sulcados longitudinalmente a partir da dormência, munidos de bainhas foliares fibrosas também verdes que após secarem, afrouxam-se e deterioram; rizomas diminutos; **raízes** afinadas de 0,15 a 0,2 cm de diâmetro, leitosas em seu comprimento e verde nas pontas; **folhas** verdes, oblongo-lanceoladas, trinervadas, com até 5,2 cm de largura por 36,0 cm de comprimento, 5 a 8 por pseudobulbo; **inflorescência masculina** de origem basal, arqueada inicialmente e posteriormente pendente, apresenta de 3 a 4 anéis em seu comprimento, verde clara, fina com 0,20 cm a 0,32 cm de diâmetro, seu comprimento varia entre 10,0 a 14,3 cm, quantidade variável de flores em função da idade da planta, de 13 a 20 por haste; **flores masculinas** com um misto de verde e vermelho com pintas castanhas, **sépalas laterais e dorsal** de tons também variados, verdes à totalmente castanho avermelhadas, pintadas, elíptico-lanceoladas, 0,8 cm de largura por 2,8 cm de comprimento, **pétalas** com as mesmas características cromáticas e formas das sépalas, porém com dimensões menores, 0,6 cm de largura por 2,3 cm de comprimento; **pedicelos** castanhos, 0,2 cm de diâmetro por 2,1 cm de comprimento, cilíndricos; **coluna**

subtriangular, verde clara com máculas marrom-avermelhadas em seu exterior, carnosa, com 0,4 cm de largura em sua maior porção por 1,7 cm de comprimento; **antenas** pequenas e delicadas, projetadas em direção ao labelo, paralelas, 0,4 cm de comprimento; **antera** de tom verde amarelado, 0,2 cm de largura por 0,7 cm de comprimento; **estípite** esbranquiçado, 0,2 cm de largura após espirolamento, por 0,6 cm de comprimento; um par de **políneas** cerosas, pequenas, ovoides, achatadas e amareladas; **labelo** ínfero, pequeno, saquiforme em sua parte central, triangular se visto frontalmente, 1,9 cm de comprimento por 2,0 cm de largura, protuberância basal com aspecto irregularmente tridentado, enquanto que a terminação do labelo apresenta uma verrucosidade que lembra um princípio de um calo, bordas serrilhadas a levemente fimbriadas, colorido externo de cor verde avermelhado com pequenas pintas castanhas, e com o interior de mesmo colorido nas laterais, porém com uma presença esbranquiçada nas regiões próximas às protuberâncias basal e terminal.

Diagnosis (latim): *Catasetum x mesquittae* U.L.C. Ferreira: *Herba epiphyta; pseudobulbis fusiformibus, mediocris; caulis mascula arcuata; petalae et sepalae oblongae-lanceolatae; columna carnosa; labellum inferum, brevis, saquiforme, fronte visus triangulare. Naturalis Hybrida inter Catasetum boyi Mansf. et Ctsm. ariquemense* F.E.L.Miranda e K.G.Lacerda.

Diagnosis (inglês): *Catasetum x mesquittae* U.L.C. Ferreira: Epífita; acuminate pseudobulbs, average size; arching male stalk; oblong-lanceolate petals and sepals; fleshy column; lower lip short, saccate, front view with triangular shape. Natural hybrid between *Catasetum boyi* Mansf. and *Ctsm. ariquemense* F.E.L.Miranda e K.G.Lacerda.

Diagnose: *Catasetum x mesquittae* U.L.C. Ferreira: Epífita; pseudobulbos fusiformes, de tamanho médio; caule masculino arcado; pétalas e sépalas oblongo-lanceoladas; coluna carnosa; labelo inferior curto, em forma de saco, vista frontal triangular. Híbrido natural entre *Catasetum boyi* Mansf. e *Ctsm. ariquemense* F.E.L.Miranda e K.G.Lacerda.

Tipo: BRASIL - RO – São Miguel do Guaporé - 11°41'37"S e 62°42'41"O, altitude: 205m.

Holotypus: BHZB 11.132 – Fundação Zoo-botânica de Belo Horizonte.

Distribuição: Brasil, Rondônia, município de São Miguel do Guaporé.

Etimologia: Homenagem ao amigo Demóstenes Antônio Mesquita falecido em 2014.

Habitat: Planta encontrada vegetando sobre palmeira "Bacuri" (*Scheelea phalerata*).

Floração: Janeiro a março (verão).

(tirar linha acima)

Considerações:

Em uma das pontas deste novo híbrido há o *Ctsm. boyi* Mansf., que apresenta um labelo bem pequeno, com cerca de 1,0 cm de largura, ou até menos, normalmente liso em suas bordas, com os lobos laterais tendendo a se fecharem e se tocarem em

direção à coluna (fig. 15-17). Do outro lado está *Ctsm. ariquemense* F.E.L.Miranda & K.G.Lacerda, seu labelo também tem dimensões mais encurtadas, variando 1,5 a 1,7cm de largura por até 2,5 cm de comprimento, apresenta-se com fimbrias irregulares nas laterais de todo o labelo, uma presença marcante de um calo basal em forma de tridente rígido e curto, em sequência também nota-se um calo finalizando o labelo em forma de lança. O resultado do cruzamento destas duas espécies supracitadas é um misto das características em uma flor intermediária: labelo maior e mais aplainado, com serrilhas nas laterais e calos menos evidentes.

Ctsm. boyi Mansf. ocorre desde o estado do Amazonas, perpassando por Porto Velho – RO, indo em direção à Jiparaná e há registros dessa planta também na Bolívia. Já com relação à *Ctsm. ariquemense* F.E.L.Miranda & K.G.Lacerda percebe-se uma maior concentração desta espécie nos arredores do Parque Nacional dos Pacaás Novos, sendo São Miguel do Guaporé, cidade na qual a nova planta foi encontrada, um dos limites desta reserva. Ainda de acordo com o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), trata-se de uma região de clima quente úmido com pluviosidade anual variando entre 2.250mm à 2.081mm, concentrando de novembro à março 70% de todo o volume aferido, seguido por um período de seca no inverno entre os meses de junho à agosto. A temperatura média varia de 25,5°C, com máxima atingindo os 32°C e mínima variando de 18°C à 21°C.

Tanto os pais como a planta resultante deste cruzamento florescem desde fevereiro até meados de maio, sendo março o mês de maior expressividade em quantidade de flores.

Vale ressaltar que o mesmo cruzamento foi reproduzido artificialmente em 2013 com a finalidade de extirpar dúvidas quanto à morfologia da planta em tese e seus possíveis pais. Após 2,5 anos as primeiras plantas floresceram com as características das plantas encontradas no habitat.

A fim de registro, na região, além das duas espécies de *Catasetum* afirmadas como sendo os pais de *Ctsm. x mesquithae*, há presença também de *Ctsm. longifolium* Lindl., *Ctsm. discolor* (Lindl.) Lindl., *Ctsm. osculatum* K.G. Lacerda & V.P. Castro, *Ctsm. semicirculatum* F.E.L. Miranda, *Ctsm. complatum* F.E.L. Miranda & K.G. Lacerda e *Ctsm. denticulatum* Miranda.

Literatura Consultada:

Castro, V. P. & Campacci, M. A. 2000. Icones Orchidacearum Brasilienses I. São Paulo, CAOB: 23-24.

Castro, V. P. & Campacci, M. A. 2006. Icones Orchidacearum Brasilienses II. São Paulo, CAOB: 127.

Fedde, F. K. G. 1930. Repert. Spec. Nov. Regni Veg.. Vol 28: 94.

Miranda, F. E. L. F. 1996. Orchids from the Brazilian Amazon. Rio de Janeiro, Edit. Expressão e Cultura: :34.

KEW ROYAL BOTANIC GARDENS. Disponível em: <http://apps.kew.org/wcsp/qsearch.do;jsessionid=07BB688D53E094FE4157B565F03D8021>. Acesso em: 06 de maio - 2016.

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/parna_pacaas_novo.pdf. Acesso em: 06 de maio – 2016.

Menezes, L.C. 2014. Orquídeas: Planalto Central Brasileiro. Brasília, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. :65-109.

Romero, G. A. 1990. Phylogenetic relationships in subtribe Catasetinae (Orchidaceae, Cymbidinae). *Lindleyana*, 5(3): 160-181.

Hills, G.H., Willians, N.H. & Dodson, C.H. 1972. Floral fragrances and isolating mechanisms in the genus *Catasetum* (Orchidaceae). *Biotropica*, 4(2): 61-76.

Rebêlo, J.M.M. 2001. História natural das euglossíneas - As abelhas das Orquídeas. São Luis, MA, Lithograf Editora. 152pp.

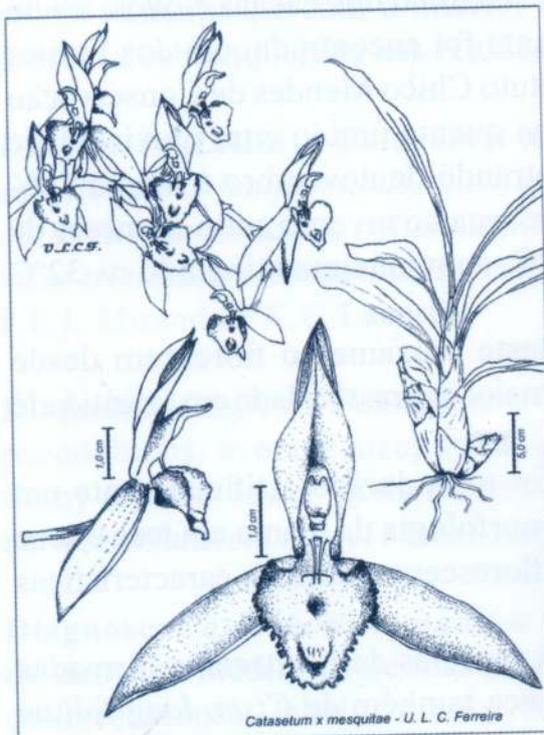


Fig. 1. Ilustração botânica do novo híbrido descrito (U.L.C. Ferreira).



Fig. 2. *Catasetum x mesquita*(Planta Tipo): haste com flores masculinas (Todas as fotos de U.L.C. Ferreira, exceto quando especificado).



Fig. 3. *Ctm x mesquita*(Planta Tipo): haste com flores masculinas.



Fig. 4. *Ctm x mesquita*(Planta Tipo): aspecto vegetativo.



Fig. 5. *Ctm x mesquithae*, variações de cor e labelo na planta "C".



Fig. 6. *Ctm x mesquithae*, variações de cor e labelo na planta "D".



Fig. 7. *Ctm x mesquithae*, variações de cor e labelo. (foto e cultivo: V.A. Gil)



Fig. 8. *Ctm x mesquithae*, mais variações de cor e labelo. (foto e cultivo: V.A. Gil)



Fig. 9. Planta "A", resultante do cruzamento artificial entre *Ctsm.boyi* e *Ctsm.ariqueense* (contraprova), detalhe da haste floral.



Fig. 10. Aspecto geral da Planta "A" (contraprova).



Fig. 11. Detalhe da flor masculina da planta "B", resultante do cruzamento artificial entre *Ctsm. boyi* e *Ctsm. ariquemense*. (contraprova) (Foto e cultivo: B. Borges).



Fig. 15. *Ctsm. ariquemense*, detalhe das flores masculinas.



Fig. 12 – 14. *Ctsm. boyi*, plantas com labelos de cores distintas.



Fig. 16. Floração das plantas nativas e contraprova resultante de cruzamento feito artificialmente (a planta do centro).



Fig. 17. De cima para baixo, flores masculinas de *Ctsm. ariquemense*, *Ctsm. boyi* e *Ctsm. x mesquiae*.



Fig. 18. Floração feminina de *Ctsm. ariquemense*, no habitat.

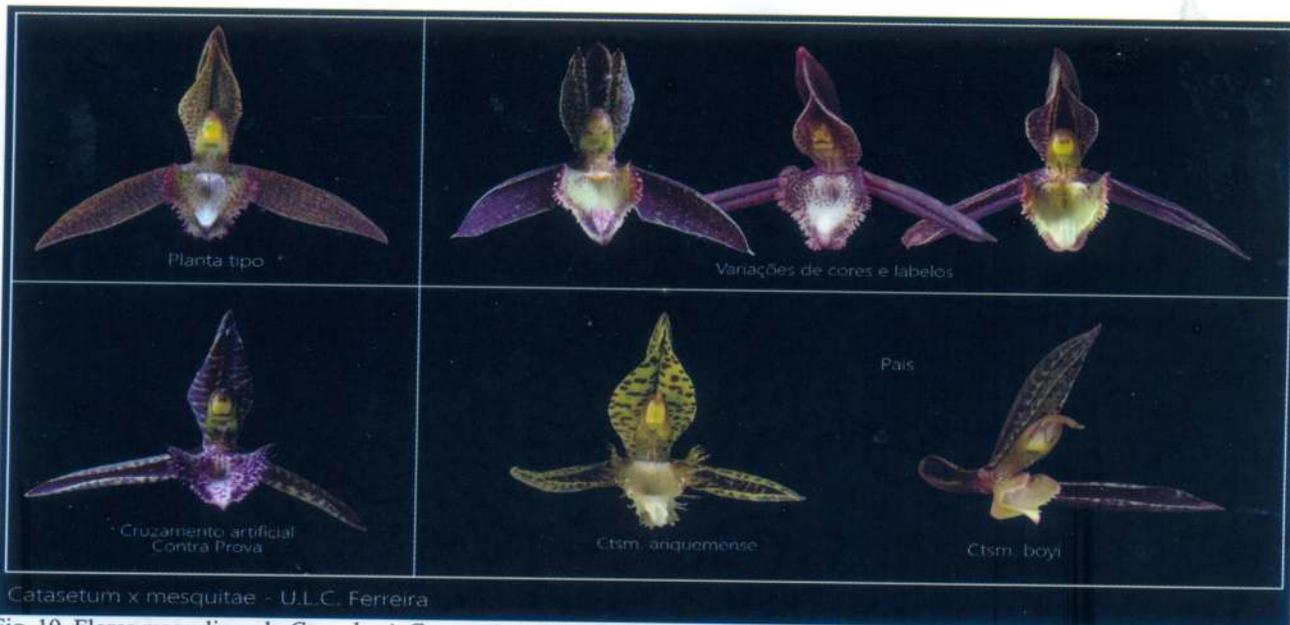


Fig. 19. Flores masculinas de *Ctsm. boyi*, *Ctsm. ariquemense* e *Ctsm. x mesquitae*.



Fig. 20. Haste floral de planta masculina de *Ctsm. x mesquitae*.



Fig. 21. Floração masculina de *Ctsm. ariquemense*.



Fig. 22. Planta masculina de *Ctsm. boyi* florido no habitat.



Fig. 23. *Ctsm. x mesquitae* florido no habitat.

Premiações de Qualidade da OrquidaRio em 2016.

M. do Rosário de Almeida Braga.
mrosario.abraga@gmail.com

Resumo: O corpo de juizes da OrquidaRio considerou merecedoras do julgamento de qualidade duas plantas que se destacaram na 28ª Exposição de Orquídeas da ASSON, em maio de 2016. A espécie *Cattleya walkeriana* ‘Surucuá’ recebeu um AM (“Award of Merit”)/ORIO, perfazendo um total de 83 pontos. O híbrido *Cattleya* Lagoa ‘Isabel’ recebeu um HCC(“Horticulture Certificate”)/ORIO, alcançando um total de 77 pontos.
Palavras-chave: Julgamento, OrquidaRio, ASSON.

Abstract: (*OrquidaRio Quality Awards in 2016.*) The team of OrquidaRio judges considered that two orchids presented at the 28th Orchid Show of ASSON, in May 2016 deserved an award of quality. The species *Cattleya walkeriana* ‘Surucuá’ received an AM /ORIO, with a total of 83 points. The hybrid *Cattleya* Lagoa ‘Isabel’ received an HCC /ORIO, reaching a total of 77 points.

Key words: Orchid judging, OrquidaRio, ASSON.

O corpo de juizes da OrquidaRio, composto por Fernando Setembrino, Carlos A.C. Gouveia e Carlos Eduardo M. Carvalho instaurou, em 2007, o julgamento de qualidade além do julgamento de exposição, que sempre acontece (Setembrino & Gouveia, 2012). No julgamento de exposição as plantas expostas competem entre si, dentro das suas classes e categorias; já no julgamento de qualidade, uma determinada flor é analisada em comparação com todas as já conhecidas e premiadas no passado, no mundo, recebendo uma pontuação e um certificado de qualidade. As plantas são analisadas segundo um padrão de perfeição e comparadas com os atributos das plantas premiadas no passado. Desta forma, cria-se o que pode chamar de um “ranking” entre as do mesmo gênero (por exemplo, dentro do gênero *Cattleya*) (Setembrino *et al.* 2014).

Durante a 28ª Exposição de Orquídeas da Associação Orquidófila de Niterói (ASSON), realizada em Cambinhas, Niterói, em maio de 2016, duas plantas de destaque foram selecionadas para serem analisadas por nossos juizes: *Cattleya walkeriana* ‘Surucuá’, cultivada por Rafael de Oliveira, do Núcleo Orquidófilo de Agulhas Negras (NOAN) e *Cattleya* Lagoa ‘Isabel’, cultivada pelo Orquidário Itaorchids. A primeira recebeu um AM/ORIO, com 83 pontos e, a segunda, um HCC/ORIO, com 77 pontos. No julgamento de exposição, as duas foram as primeiras colocadas em suas categorias.

A seguir as fotos e descrição das plantas pontuadas pelo julgamento de qualidade da OrquidaRio em maio de 2016:

Cattleya walkeriana ‘Surucuá’, AM/ORIO, 83 pontos. Filiação: (espécie – não especificado). Expositor: Rafael de Oliveira, do NOAN. Hastes com duas flores, todas abertas. Boa forma. Concolor, azul (coeruleo) com ligeiro cintilante no centro das pétalas e com um coeruleo mais escuro. Armação boa. Labelo grande e bem apresentado de cor mais intensa (chumbo) Aspecto geral da planta bom. Flores com 9,5 x 11,0 cm de

envergadura, sépala dorsal com 4,8 x 2,2cm, pétalas de 5,5 x 4,0 cm, sépalas laterais de 4,5 x 2,0 cm e labelo de 5,5 x 5,3 cm. (fig.1).

Cattleya Lagoa 'Isabel', HCC/ORIO, 77 pontos. Filiação: (híbrido) *Cattleya* Corcovado x *C. Pedra da Gávea*. Expositor: Itaorchids. Uma haste com quatro flores, todas abertas, destacando-se bem da folhagem. Flores planas, colorido definido, cor rosa com pintas púrpuras bem definidas. Textura e substâncias boas. Boa forma. Armação razoável. Labelo bem apresentado. Aspecto geral da planta bom. Flores com 9,6 x 9,0 cm de envergadura, sépala dorsal com 5,5 x 2,5cm, pétalas de 5,0 x 2,7cm, sépalas de 4,7 x 2,3cm e labelo de 5,0 x 3,8cm. (fig.2).

As abreviações usadas seguem a nomenclatura internacional onde AM/ORIO e HCC/ORIO, significam, respectivamente, "Award of Merit" (em português: "Prêmio de Mérito") e "HCC Highly Commended Certificate" (em português: "Certificado Altamente Recomendado"). "ORIO", nas duas premiações, corresponde à OrquidaRio. Existem várias outras premiações no julgamento de qualidade. "AM/ORIO" é dado a espécies ou híbridos que alcançam de 80 a 89 pontos e "HCC/ORIO" a espécies ou híbridos que alcançam de 75 a 79 pontos.

A comissão de juízes da OrquidaRio, expressa, nos formulários usados, que "Todas as informações estão sujeitas as regras e regulamentações conforme o manual "Judging and Exhibition" (Julgamento e Exposição), publicado pela American Orchid Society". Isto orienta os juízes a seguir os critérios usados internacionalmente.

Eu sou leiga em termos de julgamento de orquídeas em exposições e mais ainda em julgamentos de qualidade. Por isto aprendo quando presto atenção em que características os juízes baseiam a pontuação dada. Ao escrever este artigo, baseada nos formulários de julgamento que foram enviados pelo F. Setembrino, pensei em dividir com vocês os detalhes que são julgados durante o processo de pontuação das orquídeas, para entendermos como é feito este tipo de julgamento. A tabela abaixo nos mostra a relação das características que são julgadas e a pontuação total possível para cada característica.

Características	Total possível de Pontos
Forma Geral	15
Forma Sépalas	5
Forma Pétalas	5
Forma do Labelo	5
Cor Geral	15
Cor Sépalas e Pétalas	7
Cor Labelo	8
Tamanho	10
Substância e Textura	20
Floração e Haste	10
Total de pontos	100

Tab. 1. Características consideradas para o julgamento de qualidade feito por juízes da OrquidaRio

Referências:

Setembrino, F. & Gouveia, C.A.A.. 2012. Os Julgamentos da OrquidaRio. Orquidário, 26 (1):21-26.

Setembrino, F., Gouveia, C.A.A. & Carvalho, C.E.M. 2014. Premiações de Qualidade da OrquidaRio em 2013. Orquidário, 28(1): 13-14.



Fig.1 - *Cattleya walkeriana* 'Surucua' AM/ORIO. (Foto: J.C. Chaves, Cultivo: Rafael de Oliveira, do Núcleo Orquidófilo Agulhas Negras)



Fig. 2 - *Cattleya Lagoa* 'Isabel' HCC/ORIO. (Foto: J.C. Chaves, Cultivo: Itaorchids).

Um dos alicerces da fundação da OrquidaRio: Osmar Judice.

Álvaro Pessoa
pessoa@apadv.com.br

Resumo: Alguns orquidófilos tiveram um papel fundamental na criação da OrquidaRio Orquidófilos Associados. Osmar Judice, que faleceu recentemente, foi um deles. O relato de fatos acontecidos nos primórdios da OrquidaRio mostra o ambiente de camaradagem necessário para reunir as diferentes personalidades dos apaixonados pelas orquídeas.

Palavras chave: OrquidaRio, Osmar Judice, Rio de Janeiro.

Abstract: (*One of the pillars of OrquidaRio foundation: Osmar Judice.*) Some orchid lovers had a fundamental role in the creation of OrquidaRio Orquidófilos Associados. Osmar Judice, who passed away recently, was one of them. The report of events that happened at the beginning of OrquidaRio shows that an environment of comradeship was necessary to put together the different personalities of the orchid lovers.

Key words: OrquidaRio, Osmar Judice, Rio de Janeiro.

Penso ter sido por volta de 1978 que conheci Osmar José Castanheira Judice, então orquidófilo famoso, co fundador do “Grupo dos Oito”, um grupo dissidente dos rumos da orquidofilia em nossa cidade. Esse grupo foi a gênese do “Grupo de Orquidófilos Serrano”, semente do que se tornaria depois Orquídea Rio, ou OrquidaRio, hoje com 30 anos. O nome foi escolhido pelo cartunista Ziraldo e foi um feliz “achado” para o título de Orquidófilos do Rio. Dele fizeram parte inicialmente os saudosos Rolf Altenburg, Fernando Parga, Osmar Judice, João Paulo Fontes, Ziegwald Odebrecht e Jorge Verboneen. Francisco e Cristina Miranda e Roland Cooke também estavam conosco.

Era um grupo bastante heterogêneo, e com as naturais idiosincrasias dos colecionadores (alto espírito de competição), mas unidos contra a mediocridade. Foram se juntando depois Francisco Miranda, Edward Kilpatrick, Hanz Kunning, Raymundo Mesquita, Esdra Porto, e mais alguns nomes que hoje ainda estão atuantes na entidade.

Osmar editou, praticamente sozinho, a partir de 1985 o “Boletim do Grupo de Orquidófilos Serrano” (precursor dessa revista que hoje a nossa Rosário mantém em tão alto nível e outros antes dela mantiveram). Na época o Osmar usava mimeógrafo, sistema de reprodução que o tempo se encarregou de eliminar e do qual muita gente nunca ouviu falar.

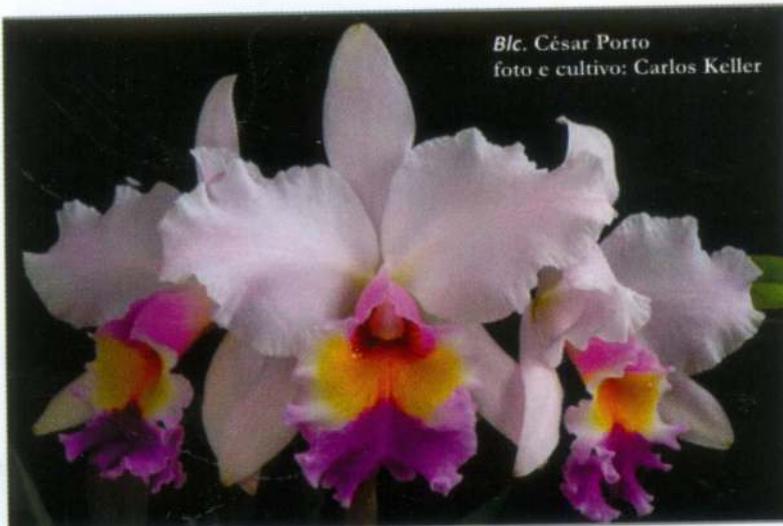
Com sua tradição e perseverança de estudos no Seminário, era o dinamismo do grupo, fotografava, cortava, reproduzia, cobrava trabalhos, sempre com a disciplina e ordem. A OrquidaRio cresceu tanto, que em pouco tempo incorporou a Sociedade Brasileira de Orquidófilos entidade já então com 50 anos, mas sofrendo problemas sérios de modernidade. Foi necessário plantar e envasar outra muda depois que Ziegwald Odebrecht, pai da Sandra da Florália, perdeu uma eleição na entidade.

Não consigo me lembrar na vida de uma pessoa mais competente, perseverante, lutadora, estudiosa e ao mesmo mais temerosa de seu próprio ego do que o Osmar. Sofria das dores do “perfeccionismo” e só perfeccionistas conseguem se entender e entender as próprias limitações. Quando tudo indicava que ele ia chegar no alvo, regredia ao ponto de partida e começava tudo de novo, sempre insatisfeito, sempre querendo conseguir o melhor. Era um poliglota e falava perfeitamente italiano, inglês (era professor de inglês) e francês. Obtivera seu mestrado nos Estados Unidos, onde morou uns anos com sua mulher Vera e os filhotes Daniela e Alexandre.

Filho de música consagrada, pianista do Conservatório Nacional, também ele revelava pendor musical expressivo e rara sensibilidade artística. Provavelmente nenhum de nós, os fundadores da OrquidaRio, era capaz de montar um stand de flores com mais criatividade do que ele, com sua engenhosidade e capricho. Tivera por caseiro durante anos, o Antonio, um mineiro que como ele adorava orquídeas, ambos fazendo sucesso com a qualidade da floração nas exposições.

Ao lado dessa personalidade, convivia em certos dias um ser vulcânico. Quando entrava em erupção era um perigo e quem o conhecia bem, mantinha distância nesses momentos, mas não era exclusividade dele. Isso ocorria poucas vezes e depois serenava, mas não impedia que tivesse um coração de ouro, com o sofrimento daí decorrente. Os tempos de Seminário o tornaram temperamento extremamente discreto, mas muito sagaz. Fazia cara de morto para enganar o coveiro e, devagarzinho, tomava ciência de tudo. Nas encostas da serra de Teresópolis, quando saíamos a passeio para fotografar *Sophronitis coccinea*, era sempre quem encontrava as melhores plantas. Descobriu que uma subespécie da planta, a *Sophronitis coccinea* sub esp. ‘militaris’ (com folha da cor dos uniformes militares britânicos) produzia flores maiores, de melhor forma e as mais acentuadamente vermelhas, mas sempre mantivera segredo. Só muito mais tarde, descobrimos o “achado” e ele, com a costureira “cara de menino da primeira comunhão”, disse que tinha sido coincidência, enquanto ajeitava o boné na cabeça com um gesto tão característico.

Partiram o Osmar, o João Paulo, o Fernando Parga, o Rolf e tantos outros amigos queridos.



*Homenagem póstuma ao
nosso sócio-fundador
Exdra Porto*

OrquidaRio 30 anos

Nota botânica: Nova forma de *Prosthechea fragans* (Sw.) W.E.Higgins

Lou C.Menezes¹

louorquibama@hotmail.com

Resumo: Encontrada a forma “alba” de *Prosthechea fragans* (Sw.) W.E.Higgins no estado de Mato Grosso.

Palavras chave: *Prosthechea*, *Prosthechea fragans* f. *alba*, Mato Grosso.

Abstract: (*Botanical Note: A new form of Prosthechea fragans (Sw.) W.E.Higgins.*) A new “alba” form of *Prosthechea fragans* (Sw.) W.E.Higgins was found at Mato Grosso State, Brazil.

Key words: *Prosthechea*, *Prosthechea fragans* f. *alba*, Mato Grosso State.

O gênero *Prosthechea* foi criado por Knowles & Westcott e publicado na



Fig. 1 - *Prosthechea fragans* f. *alba* L.C.Menezes forma nova. (Foto: L.C.Menezes)

Floral Cabinet 2 : 111-112 , em 1838, tendo como espécie tipo *Prosthechea glauca* Knowles & Westc. O nome do gênero é derivado do grego *prostheke* (apêndice) numa referência aos apêndices encontrados na coluna da espécie tipo. Originalmente confuso e controverso o gênero *Prosthechea* foi rapidamente mudado para *Epidendrum* e mais tarde para *Encyclia*, quando então foi separado de *Epidendrum*. Em 1997 *Prosthechea* foi restabelecido como um gênero distinto por W.E.Higgins, que publicou uma revisão sobre um grupo de espécies subordinadas a *Encyclia*, baseando-se em estudos filogenéticos [“A reconsideration of the genes *Prosthechea* (Orchidaceae)”]. *Phytologia*,82: 370 - 383]. Em 2009 , o gênero *Anacheilium* criado por Hoffmanssegg em 1842 foi transferido por W.E.Higgins com todas as suas espécies para o gênero *Prosthechea*. As espécies do gênero *Prosthechea*

¹Engenheira Florestal , Bióloga com habilitação em Ecologia e Botânica. / Coordenadora do Projeto Orquídeas do Brasil / Ibama - Brasília.

possuem morfologia muito variável com rizoma curto ou alongado , pseudobulbo geralmente fusiformes mas também elípticos , cilíndricos ou ovais, exibindo uma , duas ou três folhas herbáceas ou carnosas com formatos variados. A inflorescência é paniculada ou racemosa com poucas ou muitas flores ressupinadas ou não ressupinadas como acontece com *Prosthechea cochleata*. As flores de tamanho médio ou pequeno possuem sépalas quase sempre iguais em comprimento enquanto as pétalas podem ser bem mais estreitas. O cabelo é variável podendo ser inteiro ou trilobado e com calo basal. A coluna exhibe três a cinco dentes cobrindo parcialmente a antera, sendo o mediano bem diferente dos laterais que podem ser denticulado ou filiado.

Prosthechea fragans (Sw.) W.E.Higgins - originalmente dita nativa da América Central, Bacia do Caribe e Norte da América do Sul, é uma orquídea perfumada de hábito epifítico também encontrada em todas as regiões do Brasil. Suas flores possuem sépalas e pétalas levemente branco-esverdeadas com o cabelo exibindo veias purpúreas.

Prosthechea fragans f. *alba*
L.C.Menezes forma nova

Diagnosis (latim): *Haec forma differunt ab typicis speciei colore tantun: floro albo puro.*

Diagnosis (inglês): These differ from the typical form only for the specific color: pure white flowers.

Diagnose: Estes diferem da forma típica de unicamente pela cor específica: flores brancas.



Fig. 2 - *Prosthechea fragans* (Sw.) W.E.Higgins (Foto: L.C.Menezes)

A nova forma alba foi descoberta no Estado de Mato Grosso e difere da espécie tipo pelas suas flores branco puro.

Agradecimento: a autora agradece a Rubens Carlos Lima Oliveira.



Distribuidora dos Fertilizantes



- SEMENTES
- FERTILIZANTES
- HERBICIDAS
- INSETICIDAS
- TUBOS • ARAMES

Linha orgânica,
Linha de irrigação,
Substratos etc...

ST Irajá Agrícola Ltda. CNPJ 03.656.245/0001-60 I.E 77.046.984
Av. Brasil, 19.001 • Loja 2 e 4 • Pav. Manutenção • CEASA • Irajá
21530-000 Rio de Janeiro RJ • Tels. (21) 2471-2568 / 2471-2569
fernando.rezende@futurofertil.com.br

Itaipava Garden

Floração diversificada em todas as cores e para todas as estações.



Estrada União Indústria 11805 - Itaipava - Petrópolis, RJ
Tel.: (24)2222-4444 - itaipavagarden@hotmail.com

Estrada do Catobira, Rua F 147 - Itaipava - Petrópolis, RJ
Tel.: (24)2222-4910

Cattleya intermedia Graham ex Hooker é uma espécie brasileira que está distribuída desde o RJ até o RS, principalmente na planície litorânea. As várias pressões causadas pela urbanização dos ambientes naturais e seu grande apelo como planta ornamental, colocam a espécie na lista de ameaçadas, como Vulnerável (VU). (Foto: T. Moulton).

